

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE - UNIVALE
MESTRADO EM GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO

CAROLINA LINS DE CASTRO PIRES

**A CRISE ECONÔMICA AMERICANA E O RETORNO: O
PROCESSO DE REINSERÇÃO DOS EMIGRANTES NA
ECONOMIA VALADARENSE.**

GOVERNADOR VALADARES

2014

CAROLINA LINS DE CASTRO PIRES

**A CRISE ECONÔMICA AMERICANA E O RETORNO: O
PROCESSO DE REINserÇÃO DOS EMIGRANTES NA
ECONOMIA VALADARENSE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Gestão Integrada do Território.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Augusto dos Santos.

Co-orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sueli Siqueira.

GOVERNADOR VALADARES

2014

CAROLINA LINS DE CASTRO PIRES

**A CRISE ECONÔMICA AMERICANA E O RETORNO: O PROCESSO DE
REINSERÇÃO DOS EMIGRANTES NA ECONOMIA VALADARENSE.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Gestão Integrada do Território.

Governador Valadares, 20 de agosto de 2014.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Mauro Augusto dos Santos (Orientador)
Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE

Prof. Dr. Rosângelo Rodrigues de Miranda
Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE

Prof^a. Dr^a. Maria Gabriela Parenti Bicalho
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Dedico este trabalho a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para sua concretização, em especial à minha família, ao meu orientador e à minha co-orientadora, sem os quais não teria conseguido!!

AGRADECIMENTOS

Mais um ciclo se completa!! Novamente me coloco diante do fim de uma etapa imprescindível para o início de muitas outras que ainda virão!!

Neste momento não poderia deixar de agradecer imensamente a todos que sempre estiveram ao meu lado tornando a caminhada bem mais leve!!

Em primeiro lugar agradeço a Deus, Pai de todos nós, que tanto tem me abençoado, que por todos esses anos sempre me guiou e iluminou de forma a me permitir concluir cada etapa do caminho ao qual me propus trilhar.

À minha família, em especial aos meus pais e ao meu marido por terem compartilhado comigo cada passo desta árdua jornada, por toda paciência e compreensão. Somente com o apoio e incentivo incondicionais de vocês conseguiria alcançar mais esta vitória!! Obrigada, meus grandes amores por representarem tudo, absolutamente tudo, em minha vida!! Por serem meus exemplos e fonte de inspiração!! Sem vocês nada teria sentido!! Sem vocês, meu mundo seria diferente, minhas dores incompreendidas e minhas alegrias tristes!!

À Vó Lia, outro grande exemplo de vida, não poderia deixar de fazer um agradecimento especial. Obrigada por tanto ter facilitado minhas idas e vindas entre Teófilo Otoni e Governador Valadares no período de desenvolvimento deste trabalho. Sem sua colaboração tudo teria sido bem mais difícil.

Ao meu orientador, Prof. Mauro Augusto dos Santos, por cada correção, pela gama de conhecimentos repassados, pela enorme disponibilidade, por cada “puxão de orelha” acompanhado de uma palavra de incentivo e amizade. Sem você jamais teria conseguido!!

À minha co-orientadora Prof^a. Sueli Siqueira, que ao longo desta jornada se transformou na minha querida “Su”!! Que me acolhendo com seu jeito mãezona de ser, me ensinou a colocar “o sino no pescoço do gato”, me incentivou e, juntamente com o Mauro, me deu todo o suporte necessário à consecução deste trabalho. Muito Obrigada!!

Aos demais professores e funcionários do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território, em especial ao Rosângelo e à Neuzinha. A esta por cada transcrição, por toda a disposição e por ter sido sempre tão solícita. Àquele, uma das pessoas mais capacitadas que já tive o prazer de conhecer em minha vida, por todo o incentivo e estímulo rumo a voos ainda maiores.

Aos colegas de mestrado, em especial à Sandrinha Nicoli. Se existem anjos na terra, a Sandrinha sem dúvidas é um deles!! Minha grande amiga, seu carinho, sua disponibilidade e boa vontade em atender meus pedidos... cada café da manhã que preparou para me acordar depois de uma madrugada inteira de trabalho... cada minuto sentada na escrivaninha que tão cuidadosamente preparava para me receber... cada dia que compartilhamos durante esta caminhada serão levados na minha memória!! Serei eternamente grata aos “retiros espirituais” que me proporcionou!! Conte sempre comigo!!

Por fim, e não menos importante, gostaria de agradecer ainda à equipe FENORD, por todo o apoio e compreensão nos momentos de ausência e a todos que, apesar de aqui não evidenciados, contribuíram para a realização deste projeto.

Muitíssimo obrigada!!

“Assim como a ausência, a presença também tem seus próprios efeitos. Não se habita impunemente um outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia, em um outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades do contato, dos domínios, as experiências e as sensibilidades individuais, por vezes, mesmo não se dando conta delas, e, outras vezes, estando plenamente consciente dos efeitos” (SAYAD, 2000).

RESUMO

A migração internacional é um fenômeno que, a muito, vem marcando a dinâmica do município de Governador Valadares, tendo atingido proporções significativas a partir da década de 1980. Em decorrência de todas as alterações tempo-espaciais às quais se submetem ao empreender o projeto migratório, os emigrantes valadarenses que procuravam galgar uma situação socioeconômica mais elevada e adquirir bens de consumo e de capital no local de origem, foram levados a promover um processo de des-reterritorialização a fim de superar as barreiras e conseguirem adaptar-se à nova vida no local de destino. Durante o tempo em que estão no exterior, os emigrantes acabam por reconfigurar tanto o local de destino, quanto o local de origem. Durante os longos anos de existência do fluxo migratório estabelecido entre Governador Valadares e os Estados Unidos, inúmeros valadarenses retornaram. Todavia, a partir da forte crise econômico-financeira sofrida pelos EUA na década passada, o retorno começou a acontecer em maiores proporções e em condições um tanto quanto diferenciadas. Neste contexto, o objetivo desta dissertação é verificar como se tem articulado o processo de reinserção na economia valadarense dos emigrantes retornados no pós-crise americana, de forma a perceber a influência das territorialidades vividas durante a experiência migratória naquele processo. Para o desenvolvimento deste trabalho, além da pesquisa bibliográfica e documental sobre o tema, foram realizadas 11 entrevistas semiestruturadas com emigrantes retornados residentes no município de Governador Valadares, além de analisados os dados da pesquisa de campo realizada pela pesquisadora Sueli Siqueira na Microrregião de Governador Valadares, na qual foram entrevistados 237 emigrantes retornados. Atingido o objetivo proposto, espera-se que o trabalho que ora se desenvolve cumpra o seu propósito social de explicitar o fenômeno em questão e que sirva de colaboração para formulação de políticas públicas.

Palavras-chave: Migração – Retorno pós-crise Americana – Reinserção no Mercado de Trabalho – Influência das Territorialidades Vividas.

ABSTRACT

International migration is a phenomenon that, very, have plagued the dynamics of the city of Governador Valadares, having reached significant proportions from the decade of 1980. As a result of all the changes time-space to which they are subordinated to undertake the migration plan, the emigrants valadarenses seeking climb socioeconomic situation higher and purchasing goods at the place of origin, are taken to promote a process of des-reterritorialização in order to overcome the barriers and adapt to the new life at the place of destination. During the time in which they undertake the migration, the emigrants eventually reconfigure both the place of destination, as the place of origin. In this sense, during the long years of existence of the migratory flow established between Governador Valadares and the United States, countless valadarenses returned. However, from the strong economic-financial crisis suffered by the United States in the past decade, the return began to happen in larger proportions and conditions somewhat differentiated. In this context, this thesis proposes to check as we have articulated the process of reintegration in the economy valadarenses return migrants in post-crisis American, in order to understand the influence of territorialities lived during the migratory experience in that process. For the development of this work, in addition to the bibliographic research and documentation on the subject, have been conducted 11 semi-structured interviews with emigrants returned resident in the city of Governador Valadares, and analyzed the data from field research conducted by researcher Sueli Siqueira in the microregion of Governador Valadares, in which were interviewed 237 emigrants returned. Reached the objective proposed, it is expected that the work now develops fulfill its social purpose to explain the phenomenon in question and to serve as a collaboration for the formulation of public policies.

Keywords: Migration - Return post-crisis American - Reintegration in the Labor Market - Influence of territorialities Lived.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO II: REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1. Território	14
2.1.1. Territorialidade	19
2.1.2. O processo de desterritorialização e reterritorialização	20
2.2. Teorias migratórias	27
CAPÍTULO III: O MUNICÍPIO DE GOVERNADOR VALADARES	31
3.1. Caracterização do município de Governador Valadares:.....	31
3.2. Histórico da migração valadarense.....	38
3.3. Crise econômica e retorno	44
CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	49
4.1. Questões preliminares	49
4.1.1. Retomando o problema de pesquisa.....	49
4.1.2. Metodologia de pesquisa.....	50
4.2. Apresentação e discussão dos resultados	53
4.2.1. Percepção da crise.....	53
4.2.2. “A crise”: motivação do retorno quase nunca declarada.....	57
4.2.3. Condição financeira no momento do retorno	60
4.2.4. Territorialidades vividas no processo migratório: dificuldades ou facilidades no momento de reinserção no mercado de trabalho?	62
4.2.5. Estratégias para reinserção no mercado de trabalho.....	65
CONCLUSÃO	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
APÊNDICE(S)	77

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

O Brasil, a partir da década de 1980¹, passou a vivenciar um novo movimento populacional: a emigração internacional. Tal movimento migratório de brasileiros para outros países há alguns anos, em razão da repercussão que ganhou na mídia e nos meios de comunicação, transformou-se em um tema de extrema relevância tanto nos meios acadêmicos quanto governamentais, que passaram a empenhar esforços no estudo de tais fluxos de maneira a tentar compreendê-los.

Em que pese existirem inúmeros estudos dedicados à análise das migrações internacionais no Brasil, não se pode olvidar o grande desafio existente: estimar precisamente o número de brasileiros que vivem no exterior desde então. Eis que parte considerável destes fluxos migratórios é composta por aquilo que se convencionou denominar de “ilegais” ou “clandestinos”, o que acaba por impedir a tradução real do verdadeiro número de emigrantes. Algumas pesquisas revelam que mais de 60% dos emigrantes brasileiros para os Estados Unidos entraram de forma irregular naquele país (SOARES; FAZITO, 2008).

Uma série de fatores que envolveram desde um Brasil com elevado índice de desemprego, inflação e estagnação econômica, até a existência de um mercado de trabalho promissor nos Estados Unidos, além das facilidades vislumbradas com a formação das redes sociais estabelecidas entre os dois países, tornaram o projeto de “fazer a América”² algo extremamente atraente para determinado segmento da população que, conforme demonstram estudos (MASSEY, 1987; ASSIS, 1995; SALES, 1999; SIQUEIRA, 2009), desejavam ir, adquirir capital, investir em bens no município de origem e finalmente retornar em uma situação socioeconômica melhor.

Neste contexto, ganha destaque a Microrregião de Governador Valadares que, localizada no estado de Minas Gerais e inserida na mesorregião do Vale do Rio Doce, inicia um fluxo migratório de tal proporção que acabou por lhe render à época o título de polo exportador de mão de obra para os Estados Unidos da América.

¹ Mencionada década, historicamente conhecida como a “década perdida”, é um marco referencial à estagnação econômica vivenciada pela América Latina como um todo. No Brasil, tal fase da história fora marcada por uma drástica queda nos investimentos e no crescimento do PIB, pelo aumento do déficit público, pelo crescimento da dívida externa e interna e especialmente pela ascensão inflacionária.

² Expressão utilizada pelos emigrantes quando se referem à migração para os Estados Unidos (ASSIS, 1995; SIQUEIRA, 2006; dentre outros).

Mencionado movimento migratório estabelecido especialmente entre Governador Valadares e a terra do “tio Sam” se deu, em grande medida, em razão da estagnação e esvaziamento econômico vivenciado por aquela região mineira historicamente caracterizada pela existência de ciclos econômicos extrativistas, exploratórios e predatórios que acabam gerando estagnação e crise.

Várias pesquisas (ASSIS, 1995; SALES, 1999; SIQUEIRA, 2009) demonstram que esse movimento populacional teve seu início nos anos 1960, com a saída dos primeiros valadarenses para os EUA, e que assistiu a seu ápice em meados da década de 1980. É que, conforme bem esclarece Siqueira (2009):

“(...) a emigração bem-sucedida dos que partiram no final da década de 60, a representação dos EUA como um lugar de progresso e desenvolvimento, onde era possível ganhar muito dinheiro, a configuração de uma rede de informações sobre todos os aspectos da emigração, associados à crise econômica brasileira e à estagnação econômica da cidade, geraram um *boom* no fluxo de valadarenses para os EUA” (SIQUEIRA, 2009, pág. 69).

O desejo de galgar situação socioeconômica mais elevada e a vontade de adquirir bens de consumo no local de origem sempre permearam o projeto migratório. Com tais objetivos em mente, o emigrante ia, trabalhava, fazia poupança, para somente depois retornar em condições de materializar seu desejo inicial.

Todavia, se a próspera economia americana outrora motivou um grande número de valadarenses a buscar um futuro mais promissor em suas terras, em função da forte crise econômica vivenciada pelos EUA a partir de 2006 e com seu ápice em 2008, houve um aumento considerável no fluxo migratório de retorno de emigrantes e, entre esses, de um grupo que não pôde cumprir com as metas planejadas.

Não se pode desconsiderar que a crise na economia americana atingiu diretamente os migrantes, entre eles os brasileiros, e muitos optaram por retornar diante da inviabilidade de continuar vivendo naquele país. Muitos viram seus sonhos serem frustrados. Alguns conseguiram regressar e se reestabelecer nos municípios de origem, mas uma grande parte afirma que o retorno não desejado tornou ainda mais difícil a readaptação, principalmente porque experimentaram a vida em um lugar que acreditavam ser o país das oportunidades (SIQUEIRA, 2009).

Segundo Sayad (2000), nenhum indivíduo passa ileso por um processo migratório. Viver em um país estrangeiro onde todos os sacrifícios são permitidos em nome da busca da realização dos desejos e do sucesso financeiro, estar longe da

vida e do cotidiano de seu país, e, de forma súbita, ser obrigado a retornar às suas origens, porém em outro tempo e com inúmeras modificações ocorridas no ambiente, sem dúvida alguma acarreta uma série de consequências não só para o migrante, mas também para toda a sociedade ao seu entorno.

Com relação ao retorno dos valadarenses, há de se considerar que a mobilidade constitui um aspecto característico da maioria dos processos migratórios e por que não dizer da própria história da humanidade, já que permeia a dinâmica territorial, compreendida como reflexão e, simultaneamente, reflexo das relações sociais agidas e vividas no espaço e com a apropriação deste espaço, num dado tempo. Assim, se antes o mercado de trabalho secundário americano³ era atrativo, atualmente, após a crise de 2008, passa a não mais atrair como antes. Como destaca Haesbaert (2007), a migração resulta de uma multiplicidade de fatores – econômicos, políticos, ambientais, culturais – e leva a diferentes níveis de desterritorialização de acordo com a classe socioeconômica, grupos culturais e níveis de desvinculação com o território.

Siqueira e Santos (2012) apontam, como principais motivos para o retorno dos valadarenses, além da saudade da família, aspectos relacionados à crise econômica, tais como a queda no valor da hora de trabalho e a própria dificuldade de conseguir trabalho. Os autores ressaltam que as dificuldades geradas pela crise resultaram em um custo benefício negativo da emigração, levando ao retorno forçado mesmo antes de se concretizarem os objetivos iniciais do projeto migratório.

Neste contexto, a análise dos efeitos desse retorno torna-se relevante, uma vez que o município e a região que tinham sua economia aquecida pelas remessas enviadas por seus emigrantes deixaram de recebê-las, passando ainda, com o retorno desses emigrantes, a contar com uma maior oferta de mão de obra, sem o respectivo aumento da demanda.

Por isso, partindo da constatação de que a crise na economia americana desencadeou um considerável movimento de retorno de muitos valadarenses, essa dissertação tem, como objetivo principal, verificar como tem se dado o processo de reinserção destes emigrantes no mercado de trabalho de Governador Valadares. Neste sentido, serão analisadas as formas de reinserção, bem como as barreiras e

³ A expressão “mercado de trabalho secundário americano”, deve ser aqui entendida como sendo uma referência aos nichos de trabalho para os quais não se exige uma mão de obra intelectualmente qualificada, como por exemplo: limpeza e construção civil.

facilidades encontradas pelos migrantes retornados. E como objetivos secundários: caracterizar o município de Governador Valadares, com enfoque principal nos fatores econômicos, além de traçar um histórico da emigração; bem como levantar o perfil dos emigrantes retornados.

Em relação à metodologia utilizada no trabalho, além da pesquisa bibliográfica e documental sobre o tema, foram realizadas 11 entrevistas semiestruturadas com emigrantes retornados residentes no município de Governador Valadares. Atingido o objetivo proposto, espera-se que o trabalho que ora se desenvolve cumpra o seu propósito social de explicitar o fenômeno em questão e que sirva de colaboração para formulação de políticas públicas.

Em consonância com os objetivos acima propostos, passa-se a apresentar a estrutura do presente trabalho.

O próximo capítulo ocupar-se-á com a apresentação do referencial teórico norteador da presente dissertação. Neste sentido, serão abordadas questões relacionadas ao conceito de território, territorialidade e ao processo de territorialização-desterritorialização-reterritorialização – pelo qual passam os migrantes valadarenses quando saem do seu território de origem rumo aos EUA e quando retornam ao seu município de origem –, bem como as teorias migratórias que dialogam com o tema em questão.

Apresentado o referencial teórico, no terceiro capítulo primeiramente buscar-se-á caracterizar o município de Governador Valadares, dando especial enfoque às suas características socioeconômicas para, em seguida, traçar um histórico da migração na região, levando-se em conta os fatores que a estimularam e que acabaram por criar uma cultura migratória na população local. Encerrando este capítulo, ainda serão apresentadas questões relacionadas à crise econômica vivenciada pelos EUA na década passada, relacionando-a a resultados de pesquisas que comprovam a influência da citada crise na decisão de muitos brasileiros em retornar para o local de origem.

Por fim, o quarto capítulo desta dissertação ocupar-se-á com a apresentação e discussão os resultados obtidos a partir da análise dos dados colhidos na pesquisa de campo, a fim de conseguir responder ao problema de pesquisa inicialmente proposto.

CAPÍTULO II: REFERENCIAL TEÓRICO

Com o objetivo de melhor responder ao problema de pesquisa norteador deste trabalho, nesta seção serão apresentados os conceitos que servirão de referencial teórico para a análise e apreensão dos dados coletados na pesquisa de campo.

2.1. Território

As concepções de território mudaram ao longo da história, sendo abordadas não só pelos geógrafos modernos, como também por cientistas de outras ciências sociais e naturais.

Mais recentemente, na tentativa de encontrar explicações mais contundentes acerca das disparidades relacionadas ao desenvolvimento econômico e social de algumas regiões, o interesse pela dimensão territorial vem ganhando destaque nas ciências sociais, que passaram a buscar compreender o fenômeno partindo da análise de sua configuração espacial:

De fato, a variável espacial passou a obter grande destaque e ser apontada por alguns estudiosos como de fundamental relevância para se compreender o dinamismo de determinadas regiões e suas relações com o desempenho dos atores e das instituições. Esse dinamismo é explicado com base na ideia de que a maior proximidade dos atores que atuam em determinado espaço geraria ações coletivas e cooperadas (troca de experiências, redes de colaboração) que ampliariam a espessura e a densidade das relações sociais e, como consequência, favoreceriam o surgimento de oportunidades inovadoras de desenvolvimento. Nesse contexto, a abordagem territorial aparece como uma noção que permitiria explicar o papel do contexto e do espaço social como fator de desenvolvimento (SCHNEIDER e TARTARUGA, 2005, p. 100).

A visão territorial traz um arcabouço conceitual auxiliar nos planejamentos, nas pesquisas, e em tudo mais que trabalhe com a dimensão espacial. Desta forma, tal visão será, sem dúvida, de grande contribuição para o presente estudo, na medida em que a compreensão das facilidades/dificuldades enfrentados no processo de reinserção na economia valadarense dos emigrantes retornados guarda

estrita relação com os territórios vividos e apropriados por aqueles agentes, tanto na origem quanto destino.

Uma das primeiras formulações a contribuírem para a definição do conceito de território foram elaboradas por Friedrich Ratzel, na unificação alemã de 1871. Para este autor, o conceito de território ora se apresenta como sinônimo de ambiente e solo, ora, como sinônimo de Estado Nação, adquirindo esta última configuração a partir do momento em que se estabelece uma organização para sua defesa (dominação). O território, nesta perspectiva, é então entendido como um fundamento para o incremento da potência e da solidez de cada Estado-Nação, um substrato, palco para a efetivação da vida humana; superfície, solo, terra e outras condições naturais, fundamentais a todos os povos sob o domínio do Estado (SCHNEIDER e TARTARUGA, 2005).

Um dos precursores a romper com essa limitação conceitual em relação ao território e que se tornou referência sobre o tema foi Claude Raffestin em sua obra *“Por uma geografia do poder”*, publicada em 1980.

Na mencionada obra, Raffestin deixa claro suas críticas em relação às formulações ratzelianas, especialmente no tocante ao que denominou de “geografia unidimensional”, ou seja, o território como sinônimo exclusivo do poder estatal. Observa o autor que a Geografia no século XX foi uma geografia do Estado, *“uma geografia política unidimensional que não quis ver no fato político mais que uma expressão do Estado”* (RAFFESTIN, 1993, p. 22).

Buscando a renovação dessa abordagem territorial estatal, Raffestin (1993, p. 17) defende que *“uma verdadeira geografia só pode ser uma geografia do poder ou dos poderes”*, não podendo ser ignorados os contextos sócio-histórico e espaço-temporal, afinal, são neles que os diversos atores se interconectam, tecendo as chamadas redes de relacionamentos e dando origem àquilo que o autor chamou de sistema territorial. Sistema este no qual o território se configura como um campo de poder delimitado e modificado pelas redes, circuitos e fluxos que nele se instalam.

Dissertando acerca do pensamento de Raffestin, Schneider e Tartaruga (2005) observam que:

Na perspectiva de Raffestin, o território entende-se como a manifestação espacial do poder fundamentada em relações sociais, relações estas determinadas, em diferentes graus, pela presença de energia – ações e estruturas concretas – e de informação – ações e estruturas simbólicas (SCHNEIDER E TARTARUGA, 2005, p. 102).

Assim sendo, para Raffestin, o poder é uma relação, não está nas coisas, se manifesta, sendo que a construção do território revela relações por ele marcadas. Nessa perspectiva, “*o território é o espaço político por excelência, o campo da ação do poder*” (RAFFESTIN, 1993, p. 60), configurando-se, desta forma, este último, como uma categoria essencial para a compreensão do território.

Cumprindo ainda ressaltar que, em razão de os processos sociais abrangerem atores dos mais diversos sistemas, posicionados em uma multiplicidade de territórios ou por eles circulando, para o autor, certamente as posições e capacidades de poder serão diferenciadas. É que o espaço-tempo apropriado/vivido por cada um destes atores constitui componentes decisivos na configuração das relações de poder. Aliás, ainda segundo Raffestin (1993), espaço sem territorialização é somente espaço, não passa de um vazio de ação e interação humana; o “*espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens controem para si*”, de sorte que somente na medida em que os atores se apropriam das informações e projetam suas intenções no espaço, preexistente a qualquer ação humana, é que ocorre a territorialização (RAFFESTIN, 1993).

Por outro lado, Haesbaert e Limonad (2007) afirmam que o território nasce com a civilização. Para os autores,

(...) os homens, ao tomarem consciência do espaço em que se inserem (visão mais subjetiva) e ao se apropriarem ou, em outras palavras, cercarem este espaço (visão mais objetiva), constroem e, de alguma forma, passam a ser construídos pelo território (HAESBAERT e LIMONAD, 2007, p. 42).

Neste sentido, os autores ressaltam que o território não pode ser confundido nem com a simples materialização do espaço socialmente construído, nem com o conjunto de forças que intercedem por esta materialidade.

Considerando que o território passa por atos de apropriação (em uma perspectiva simbólica) e domínio (no sentido político-econômico) de um espaço socialmente partilhado, Haesbaert e Limonad (2007) enfatizam que este conceito deve levar em conta alguns pressupostos.

Em primeiro lugar, destacam ser necessário diferenciar “território” e “espaço”. Para os autores, em que pese a utilização indiscriminada de tais conceitos, é preciso ter em mente que o termo “espaço” é bem mais amplo que o termo “território”. Em segundo lugar, asseveram que, por ser o território uma edificação social que se dá a partir das relações de poder (concreto e simbólico), o

termo não envolve apenas o espaço geográfico, mas também envolve, ao mesmo tempo, a sociedade. Por fim, Haesbaert e Limonad (2007) ainda afirmam ser necessário perceber que o termo “território” tem tanto uma dimensão mais subjetiva – ligada à apropriação e em alguns casos à identidade territorial –, quanto uma dimensão mais objetiva – ligada à dominação do espaço sob a perspectiva das ações político-econômicas.

Analisando algumas considerações teóricas acerca do tema, Haesbaert e Limonad (2007), com fins didático-analíticos, agrupam as diferentes concepções de território em três linhas de abordagem, dependendo da dimensão social que enfatizam, defendendo que, em verdade, tais dimensões revelam diferentes formas de fusão de pelo menos três dimensões: a primeira delas é a vertente *política*, também conhecida como *jurídico-política*, a partir da qual o território é encarado como um espaço demarcado de exercício de poder, em especial do poder estatal. A segunda vertente, *cultural(ista)* ou *simbólico-cultural*, priorizando dimensões simbólicas e mais subjetivas, encara o território como um produto da apropriação feita através do imaginário e/ou identidade social de um grupo em relação ao espaço vivido. Por fim, a terceira vertente, a *econômica*, enfoca a dimensão espacial das relações econômicas de maneira a visualizar o território como uma fonte de recurso incorporada no embate entre as classes sociais e na relação capital-trabalho.

Tecendo considerações acerca das citadas vertentes básicas de abordagem conceitual sobre o território, elaboradas por Haesbaert, Saquet (2003) afirma que o essencial é perceber as interfaces existentes entre as diferentes correntes:

O processo de apropriação e construção do espaço geográfico é econômico, político e cultural. O mesmo acontece com o território, como fruto do processo de apropriação e produção / domínio de um espaço, inscrevendo-se num campo de poder, de relações econômicas, políticas e culturais. O território se dá quando se manifesta e exerce-se qualquer tipo de poder, de relações sociais. São as relações que dão o concreto ao abstrato, são as relações que consubstanciam o poder. Toda relação social, econômica, política e cultural é marcada pelo poder, porque são relações que os homens mantêm entre si nos diferentes conflitos diários. Se considerarmos que onde existem homens há relações, têm-se ao mesmo tempo territórios. As relações são o poder e o poder são as relações (SAQUET, 2003, p.24).

Desta maneira, conclui-se que, para Saquet (2003), um território se constrói e é definido como espaço apropriado política, cultural e economicamente, com a formação de identidades regionais e culturais, bem como de relações econômicas,

nas quais facilmente se observa o exercício do poder, inerente às relações sociais, num jogo contínuo de dominação e submissão, num constante processo de territorialização.

Em consonância com tal reflexão, destaca o autor que:

[...] o território é produzido com o passar dos dias, meses, anos, décadas, através de relações sociais incessantes que se estabelecem, com influências, interferências, dominações e domínios, imprimindo marcas em seu interior (do território). E essas relações são singulares e universais ao mesmo tempo, totalizantes, internas e externas ao lugar (SAQUET, 2009, p. 212).

Complementando seu raciocínio, Saquet (2009) acrescenta que o território, ao mesmo tempo em que se é substantivado pela unidade, fundamenta-se em interações conflituosas e contradições. É que, segundo este autor, ao se falar na composição do território, ao mesmo tempo em que é preciso se ter em mente a diversidade, é preciso levar em consideração a unidade; e ao mesmo tempo em que se tem em conta a heterogeneidade, é preciso perceber a homogeneidade. “Enfim, o território é, além de chão, obras, formas espaciais, relações, articulações, movimento, diversidade e unidade. É produzido material e ideologicamente” (SAQUET, 2009, p. 215).

Concordando com a ideia de que os territórios são construídos socialmente, Sack (1986) ressalta que seus efeitos e resultados dependem de quem está controlando quem e para quais propósitos. Dessa forma, para o autor, não existe território sem controle, sendo a territorialidade uma expressão deste controle. Cabe ainda acrescentar que, na perspectiva do autor, os limites dos territórios se alteram, dependendo das estratégias e recursos utilizados para controlar e delimitar o espaço. Assim sendo, pode-se afirmar que os territórios são uma expressão das táticas utilizadas para dominar pessoas, fenômenos e relações.

Da multiplicidade dimensional que permeia o estudo sobre território, emergem inúmeras categorias que com o conceito de território se relacionam. Entre tais categorias, no presente trabalho, ganham destaque as questões relacionadas à territorialidade e ao processo de territorialização-desterritorialização-reterritorialização pelo qual passam os migrantes valadarenses quando saem do seu território de origem rumo aos EUA e quando retornam ao seu município de origem.

2.1.1. Territorialidade

No que se refere à territorialidade, ela está intimamente ligada à dinâmica de apropriação do território, que, por sua vez, está diretamente ligada à expressão do poder refletida nas relações sociais.

Para Saquet (2003), a territorialidade:

é fruto das relações diárias, momentâneas, que os homens mantêm entre si e com sua natureza inorgânica para sobreviverem biológica e socialmente. [...] A territorialidade é cotidiana, multifacetada, e as relações são múltiplas, e por isso, os territórios também o são (com territorialidades), revelando a complexidade social e, ao mesmo tempo, as relações de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço relativamente delimitado (SAQUET, 2003, p. 26).

Segundo Haesbaert (2006), o termo territorialização é derivado do verbo territorializar, que significa tornar territorial, situar em bases territoriais, ou ainda associar a um território ou distrito particular. Para o autor,

se o território é uma construção histórica da qual fazem parte diferentes formas de apropriação e domínio da natureza, as territorialidades também são forjadas socialmente ao longo do tempo, em um processo de relativo enraizamento espacial (HAESBAERT e LIMONAD, 2007, p. 47).

Na perspectiva de Haesbaert, a territorialidade pode ser entendida como uma estratégia geográfica para controlar/atingir a dinâmica de pessoas, fenômenos e relações.

Sack (1986), por sua vez, sustenta que a territorialidade está intimamente vinculada a uma realidade social específica, estando, desta forma, atrelada a fatores histórico-sociais. Ainda segundo o autor, a territorialidade pode ser definida como uma tentativa de um indivíduo ou grupo afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações através da delimitação e da afirmação sobre uma área geográfica, se mostrando, portanto, intimamente ligada ao conceito de poder sobre o território.

Já na perspectiva de Raffestin (1993), para que se possa falar em territorialidade, é necessário entender as relações sociais dentro de seus contextos sócio-históricos e espaço-temporal. É que, para Raffestin (1993), a territorialidade, pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema

tridimensional sociedade-espaco-tempo, configurando-se como resultado da interação entre os sujeitos e seu meio.

Por fim, tomando em conjunto todas as perspectivas acima apresentadas, resta concluir não ser possível presenciar a composição do território sem o exercício da territorialidade, aqui entendida como o desenvolver das mais diversas atividades e estratégias cotidianas reveladoras da dinâmica social que é, por essência, relacional.

2.1.2. O processo de desterritorialização e reterritorialização

Apresentados os conceitos fundamentais de Território e Territorialidade, é importante, neste momento, entender o processo de Desterritorialização e Reterritorialização, que são fundamentais para compreender o processo pelo qual passam os emigrantes valadarenses que empreendem o projeto de migrar para os EUA em busca de melhores condições socioeconômicas, e que, após a realização ou não desse projeto, retornam ao seu território de origem.

Segundo Marandola e Gallo (2010), a contemporaneidade lida diuturnamente com os fenômenos da migração e da mobilidade. Para o autor, *“estar no mundo, hoje, é conviver com a mobilidade e a migração, e todas as suas implicações”* (MARANDOLA e GALLO, 2010, p. 407), sendo esta experiência muitas vezes desconcertante do ponto de vista existencial, pois submete seus atores a uma reconstrução de suas referências espaciais e socioculturais. Em complemento, os autores salientam que *“migrar é sair do seu lugar, envolvendo processos de redefinições das territorialidades, que não são necessariamente sucessivos nem ordenados”* (MARANDOLA e GALLO, 2010, p. 409).

Sobre este processo de redefinição de territorialidades que envolve, indubitavelmente, uma des(re)territorialização⁴, Haesbaert (2005) deixa claro a necessidade de se estabelecer qual é o sentido da desterritorialização para o indivíduo “migrante” que, apesar de ser abstrativamente tratado, é, na realidade, um

⁴ No processo de redefinição de territorialidades, o indivíduo é levado a se desterritorializar, mas ao mesmo tempo a se re-territorializar novamente, eis que, conforme afirmam Deleuze e Guattari (1995), não há como separar o processo de desterritorialização do processo de re-territorialização, uma vez que toda saída de um território implica a construção de outro (DELEUZE E GUATTARRI, 1995).

somatório de uma diversidade de condições sociais e identidades étnico-culturais (HAESBAERT, 2005a). Nesta busca, o autor assevera que as noções de desterritorialização propostas na atualidade podem ser sistematizadas em quatro perspectivas distintas.

Analisando a primeira perspectiva, a qual leva em conta a noção de território como uma “dimensão físico-econômica da vida humana”, ou seja, como “abrigo ou fonte de recursos”, o autor ressalta que é preciso

(...) lembrar que a figura do migrante é extremamente diversa, envolvendo múltiplas culturas e classes sociais, e que a própria migração é movida pelos mais diferentes fatores e visa aos mais diversos objetivos. [Assim,] falar em desterritorialização no sentido da destruição do território como dimensão física, material, é válido para alguns grupos específicos, como aqueles que têm no acesso e/ou delimitação da terra o seu meio básico, fundamental, de sobrevivência. Encontram-se aí os indígenas, os sem-terra, os sem-teto, os atingidos por barragens, obrigados a deixar suas terras pela pressão do modelo político-econômico segregador em que estão inseridos (HAESBAERT, 2005a, p. 36).

Sobre a segunda perspectiva, que compreende o território como “base do ordenamento político da sociedade”, como domínio do espaço e, conseqüentemente, dos homens e das relações sociais que aí se reproduzem, o autor acrescenta que:

O território, visto nesse sentido (...), é, antes de tudo, o espaço da cidadania, dos direitos sociopolíticos básicos. O migrante ‘indocumentado’, ‘ilegalmente’ situado num país distinto do seu, é, nesta perspectiva, um indivíduo desterritorializado – desterritorializado no sentido político das garantias mínimas asseguradas no interior do território do Estado-Nação (HAESBAERT, 2005a, p. 36 - 37).

No que se refere à terceira perspectiva, a qual lida com a ideia de território no sentido simbólico, como espaço de identificação cultural que um dado grupo desenvolve a partir de um determinado espaço de referência, Haesbaert (2005a), esclarece ser possível falar em

(...) um migrante “desterritorializado” no sentido cultural ou simbólico, na medida em que, destituídos de seu lugar e de suas paisagens de origem, ele se vê destituído também de valores, símbolos, que ajudavam na construção de sua identidade (HAESBAERT, 2005a, p. 37).

Por último, considerando a quarta e mais abrangente de todas as perspectivas, que trabalha o território “como uma espécie de ‘experiência integral’ do

espaço pelos grupos sociais”, envolvendo, assim, a dimensão físico-natural, a econômica, a política e a cultural ao mesmo tempo, Haesbaert (2005a) ressalta ser

(...) evidente que o território e, portanto, a desterritorialização podem dizer respeito a todas essas dimensões ao mesmo tempo (...). Afinal, o espaço geográfico condensa sempre toda essa multiplicidade de elementos que, no seu conjunto, permitem a reprodução social dos grupos humanos (HAESBAERT, 2005a, p. 37).

Para o autor, outro aspecto que deve ser levado em conta na definição do migrante como um indivíduo desterritorializado, é aquele que qualifica o processo migratório no qual ele está inserido. Conforme bem observa o que abstratamente recebe a denominação de “migrante” reflete um somatório de diferentes condições sociais e identidades étnico-culturais, que serão decisivas na efetivação ou não do processo de desterritorialização.

Assim, sendo, é preciso compreender a desterritorialização do migrante como processo extremamente complexo e diferenciado que é, levando-se em conta as classes sociais e os grupos culturais a que se refere, bem como os níveis de desvinculação com o território, aqui compreendidos como o acesso à infraestrutura básica, ao exercício da cidadania através da implementação dos direitos básicos e a identificação de referenciais espaciais componentes da identidade sociocultural (HAESBAERT, 2005).

Discorrendo acerca dos níveis de desterritorialização para cada grupo ou classe social, observa Haesbaert (2005a) que

(...) aquilo que é denominado de desterritorialização, para a elite planetária que se locomove com facilidade, não tem nada a ver com o deslocamento compulsório das classes mais baixas. (...) Desterritorialização, para os ricos, pode ser confundida com uma multiterritorialidade segura, mergulhada na flexibilidade e em experiências múltiplas de uma mobilidade “opcional” (a “topoligamia” ou o “casamento” com vários lugares a que se refere Beck, 1999). Enquanto isto, para os mais pobres, a desterritorialização é uma multi ou, no limite, a-territorialidade insegura, em que a mobilidade é compulsória [quando lhes é dada como opção], resultado da total falta de (...) alternativas, de “flexibilidade”, em “experiências múltiplas” imprevisíveis em busca da simples sobrevivência física cotidiana (HAESBAERT, 2005, p. 38 - 39).

Para Deleuze e Guattari (1995), não há como separar esse processo de desterritorialização, pelo qual passam os migrantes que empreendem o projeto migratório com o objetivo de galgar melhores condições socioeconômicas, do

processo de reterritorialização, pois toda saída de um território implica a construção de outro.

No mesmo sentido, Saquet (2009) destaca que os processos de territorialização-desterritorialização-reterritorialização (T-D-R) são interligados e se condicionam mutuamente. A cada processo de desterritorialização, está vinculado um novo processo de territorialização e vice-versa.

Também para Haesbaert (2005), na medida em que o migrante se desterritorializa, ainda que implicitamente, ele sempre carrega consigo a dinâmica reterritorializadora.

Assim, objetivando alcançar uma sensação de bem-estar e aliviar o sentimento de instabilidade e incerteza que nascem com a saída do local de origem, o migrante sente a necessidade de re-territorializar-se, de enraizar-se no local de destino. No entanto, conforme observa Marandola e Gallo (2010),

a fixação do migrante no local de destino tem algumas restrições ou condições em termos de identificação sociocultural e espacial. O envolvimento de um indivíduo com o lugar é um processo complexo que não ocorre aleatoriamente. Alguns fatores encorajam/incentivam esse envolvimento, enquanto outros repelem qualquer tentativa ou interesse em fazê-lo (MARANDOLA e GALLO, 2010, p. 411).

Entre os fatores que incentivam esse envolvimento, o autor cita a identificação do migrante com o local de destino. Quanto maior o nível de conhecimento que o migrante tenha sobre as características culturais, sociais e sobre a organização espacial de um determinado lugar, maior será a sua sensação de pertencimento a este lugar (MARANDOLA e GALLO, 2010).

Como nem sempre tal identificação acontece, o indivíduo, que carrega consigo todas as territorialidades vividas, e que não é capaz de desconsiderar sua história e formação para se inserir isento na nova realidade e estabelecer prontamente relações com o local de destino, acaba sendo levado a buscar alternativas para reafirmar sua identidade territorial, ao mesmo tempo em que preserva sua forma de ser. Neste cenário é que ocorre a edificação do que Marandola e Gallo (2010) chamaram de “território dos migrantes”:

A necessidade por parte do migrante de preservar sua personalidade, sua identidade e voltar a ter a sensação do pertencimento leva a um gradual e contínuo processo de edificação de “lugares próprios”, os quais permitem ao migrante enraizar-se. Estes lugares e suas articulações são, na verdade, o território dos migrantes (MARANDOLA e GALLO, 2010, p. 412).

Na medida em que o processo de construção destes territórios vai acontecendo, o migrante tece uma nova rede de relacionamentos, promovendo, com isso, seu enraizamento e sua re-territorialização no local de destino.

Marandola e Gallo (2010) ressaltam que, em muitos casos, a “matriz” desta “nova rede” tecida pelos migrantes no processo de reterritorialização é a própria rede migratória que um dia possibilitou o acesso ao local de destino. Por isso, uma estrutura que ganha destaque no caminho pela compreensão da organização social da migração é, sem dúvida alguma, a chamada “rede social”.

A inserção do migrante nestas redes sociais faz aumentar, gradativamente, a sensação de pertencimento e segurança, minimizando, assim, os impactos das mudanças socioespaciais. É que, além de ser um espaço no qual o indivíduo tem o seu modo de ser reconhecido – e que, em certa medida, está ligado às identidades trazidas do local de origem –, o espaço das redes sociais é um espaço de cooperação entre seus integrantes, os quais, segundo Soares (2002), têm entre si vínculos de amizade, vizinhança, parentesco, trabalho e/ou origem comum.

Marandola (2010) ressalta ainda que as redes sociais podem ser vistas como redes territoriais, visto estarem ancoradas em *“lugares específicos onde o grupo se encontra, conserva práticas comuns associadas ao lugar natal e propaga, a partir dele, sua territorialidade”* (MARANDOLA e GALLO, p. 413).

Outro aspecto que merece ser destacado em relação a estas redes sociais criadas pelos migrantes para auxiliar no processo de reterritorialização no local de destino diz respeito à pouca relação que elas estabelecem com o sistema local (SALES, 1999).

A reterritorialização dos migrantes – em especial daqueles migrantes que entram no país de destino ilegalmente ou que, depois de algum tempo, passam a ter que lidar com a ilegalidade, que têm baixa renda e baixa qualificação e que não dominam a língua local, caso de grande parte das migrações laborais empreendidas pelos valadarenses rumos aos EUA (SIQUEIRA, 2008) – se processa em lugares marginalizados e, em regra, pouco frequentados pelos nativos. Em consequência disso, conforme destacam Marandola e Gallo (2010), a vinculação com o local de destino fica ainda mais dificultada.

Esta concentração nos territórios e lugares migrantes dificulta o estabelecimento de relações/interação com a cidade e seus habitantes, tornando difícil o desenvolvimento de laços afetivos com o local de destino,

já que esse não é vivenciado livremente. A provável falta de familiaridade com as estruturas, a dinâmica e o cotidiano da cidade e também a prevalência da impessoalidade dificultam a constituição de lugares, pois seus dois “suportes” essenciais ficam ausentes: não há identificação com a cidade e/ou convívio com seus habitantes (MARANDOLA e GALLO, 2010, p. 413 – 414)

Apesar dos obstáculos que enfrentam, os migrantes buscam e conseguem, em muitos casos, reterritorializar-se, recriando, em certa medida, o território vivido no local de origem. Tanto o é que, conforme comprovam algumas pesquisas sobre o tema⁵, grande parte dos migrantes “reproduzem os geossímbolos e a organização socioespacial de seu antigo território, além de garantirem lugares onde suas práticas podem ser realizadas” (MARANDOLA e GALLO, 2010, p. 415).

Em que pesem o relativo sentimento de segurança e o conforto trazidos com a citada reterritorialização, o retorno às origens é algo que sempre permeia o imaginário dos migrantes em geral⁶ e, como não poderia deixar de ser, de muitos migrantes valadarenses que, especialmente após a eclosão da crise econômico-financeira sofrida pelos EUA na década passada, acabaram por ver no retorno ao território de origem uma alternativa para fugir das consequências advindas deste cenário.

Ao retornarem para o local de origem, os migrantes valadarenses, que já haviam passado por um processo de des-re-territorialização ao empreenderem o projeto migratório rumo aos EUA, experimentam um novo processo desreterritorializador. Esse processo é ora facilitado, ora dificultado em razão das territorialidades vividas no país de destino e que, conforme restará evidenciado após a análise dos resultados da pesquisa desenvolvida no âmbito da presente dissertação, influencia diretamente na reinserção deste migrante na economia valadarense.

Para melhor compreensão do processo des(re)territorializador pelo qual passa o migrante valadarense ao retornar dos EUA para sua cidade natal, não se pode deixar de referenciar as considerações de Sayad (2000) acerca do retorno e seus vários modos de relações.

Segundo o autor, no retorno, o migrante passa a ter que lidar com diferentes tipos de relações - uma com o tempo, uma com a terra/espço e uma como o grupo

⁵ SALLES, 1999; SIQUEIRA, 2008, 2009; MARANDOLA, 2008c; dentre outros.

⁶ Neste sentido, afirma Sayad (2000) que “o retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta ao cego...”.

- todas elas vividas em conjunto, responsáveis pela formação do “assim denominado ser social” (SAYAD, 2000).

Sob a ótica do tempo, o migrante precisa harmonizar o “tempo presente”, o “tempo de ontem” – com todas as representações que carregou consigo desde a época em que deixou seu território para empreender-se na migração – e as projeções do “tempo futuro”. Inicialmente, o retorno significa tanto para o migrante quanto para seu grupo “um retorno a si”, uma “retrospectiva”, um voltar no tempo vivido antes da migração, um remédio para a nostalgia. Todavia, como o passar do tempo, percebe-se que não existe verdadeiramente um retorno ao tempo de outrora.

Em verdade, a nostalgia não é o mal do retorno, pois, uma vez realizado, descobre-se que ele não é a solução: não existe verdadeiramente retorno (ao idêntico). Se de um lado, pode-se sempre voltar ao ponto de partida, o espaço se presta bem a esse ir e vir/ de outro lado, não se pode voltar ao tempo da partida, tornar-se novamente aquele que se era nesse momento, nem reencontrar na mesma situação, os lugares e os homens que se deixou, tal qual se os deixou (SAYAD, 2000, p. 12).

Na perspectiva das relações com a terra/espaço, o migrante precisa lidar com sua “terra natal” tanto no sentido material, da dimensão física propriamente dita, quanto no sentido metafórico, da terra como espaço social. Segundo Sayad (2000, p. 12), empreender em um processo migratório é, antes de qualquer coisa, mudar de espaço, de território. Conforme afirma o autor, apesar de o espaço ser mais condescendente que o tempo em relação a todas as idas e vindas que nele podem se inscrever, mover-se no espaço é perceber quão carregado de afetividade ele é, mover-se no espaço é vivenciar a nostalgia ao ponto de insurgirem efeitos sacralizadores.

O espaço não é, portanto, esse espaço abstrato, contínuo e homogêneo dos matemáticos e intercambiáveis entre os quais se pode ir e vir em espírito, e com toda a liberdade, como o postula a geometria. (...) a nostalgia do lugar tem um grande poder de transfiguração de tudo o que toca (...) efeitos de sacralização [podem aparecer]: o país, o solo natal, a casa dos antepassados, e mais simplesmente a casa natal, cada um desses lugares privilegiados da nostalgia (e pela nostalgia), (...), tornam-se lugares sacralizados, lugares benditos, terras santas; vai-se aí em peregrinação, conformando-se desta maneira à intenção de toda peregrinação que é o retorno às fontes (...) (SAYAD, 2000, p. 12).

No que diz respeito à relação com o grupo, o migrante precisa lidar concomitantemente com aquele grupo que um dia foi deixado e que ainda habita seu imaginário – o chamado grupo de origem, a gênese biológica, o lugar primeiro de

vivências sociais, políticas, culturais etc. – e com aquele grupo no qual se inseriu (ditos segundos, mas que não são, necessariamente, secundários). Esta não é uma relação muito clara para o migrante, sendo consequência natural do fenômeno migratório que ela apresente certa ambiguidade. As relações com estes dois universos/grupos estão no centro das contradições que perturbam todo migrante, que, em razão de ter deixado o grupo de origem, além de tudo, tem que lidar com a questão da culpa (SAYAD, 2000).

Frente a todas essas implicações do retorno, surge, então, a necessidade de se passar por um novo processo des(re)territorializador, do qual, em razão de o migrante carregar consigo todas as territorialidades vividas até então, resultarão as mais diversas consequências, ora facilitando, ora dificultando, inclusive, a (re)inserção na economia local.

2.2. Teorias migratórias

O fenômeno da migração internacional tem recebido a atenção de vários teóricos das mais diversas áreas do saber, tendo sido desenvolvidas, neste ensejo, inúmeras teorias com o intuito de compreendê-lo. Apesar dos vários trabalhos existentes, se considerarmos as peculiaridades dos fluxos migratórios, torna-se fácil perceber a necessidade de uma análise que lance mão de várias teorias para explicar o fenômeno. Está será a postura adotada neste trabalho para analisar o processo migratório no município de Governador Valadares.

Inicialmente, deve ser destacado o trabalho de Ravenstein que, pela publicação de seu trabalho em 1885, tornou-se pioneiro neste tipo de estudo. Na ocasião, o autor fez um levantamento de algumas leis que, segundo ele, regeriam a migração, tratando também da questão da seletividade do migrante (RAVENSTEIN, 1980). Embora essas leis tenham sido posteriormente contestadas, não deixaram de ser um marco nos estudos de migração. Partindo das conclusões tiradas por Ravenstein, outros teóricos buscaram compreender os elementos motivadores do fenômeno.

Partindo das Leis de Ravenstein, Lee (1980) ressalta que o fenômeno da migração implica sempre a existência de um lugar de origem e um lugar de destino.

Em ambos os lugares, haverá fatores positivos (*pull*), capazes de atrair os migrantes, fatores negativos (*push*), capazes de desestimular a permanência e fatores neutros. Segundo Lee, para que o indivíduo opte pela migração, é preciso que o resultado em favor do deslocamento seja fortemente positivo. Tanto os contatos pessoais quanto o sistema de informação a que o migrante tem acesso são fatores determinantes para a tomada de decisão de migrar.

Outra teoria que merece ser mencionada é a teoria neoclássica que, encarando o migrante como um indivíduo que está sempre em busca de melhores condições de vida, analisa a migração sob a perspectiva micro (SJAASTAD, 1962; TODARO, 1969) e macroeconômica (LEWIS, 1954; RANIS & FEI, 1961).

Segundo os teóricos da Teoria Microeconomia Neoclássica, os indivíduos são seres racionais que buscam alternativas que possam maximizar seus ganhos. Assim sendo, sua decisão de migrar é sempre feita segundo uma análise das relações de custo e benefício do ato migratório, sendo que a escolha do destino passa por uma análise das habilidades pessoais, do salário que poderá receber e dos custos associados ao movimento migratório (SANTOS ET AL., 2010).

No que se refere à Teoria Macroeconômica Neoclássica, ela aponta, como principal elemento motivador do fenômeno migratório, as diferenças geográficas de oferta e demanda por trabalho/ assim, tal teoria, que contempla os aspectos conjunturais das regiões de origem e destino do migrante, encara o mercado de trabalho como mecanismo estimulador dos movimentos migratórios. Seguindo tal lógica, os defensores da teoria, partindo da hipótese de existência plena de emprego, acreditam que os movimentos migratórios tenderiam a cessar uma vez que sejam eliminadas as diferenças salariais e atingido um patamar de equilíbrio (SANTOS ET AL., 2010).

Siqueira (2009) ressalta que a decisão de emigrar não é tomada pelo indivíduo de forma isolada. Segundo a autora,

estudar e analisar o fenômeno da migração internacional a partir dessa perspectiva da ação social, ou seja, perceber a decisão de migrar e todo o processo presente na sociedade de origem e a inserção na sociedade de destino como resultantes da influência das relações sociais, e não apenas como uma decisão individual, é um caminho promissor (SIQUEIRA, 2009, p. 37).

Neste sentido, afirma Siqueira (2009) que o ato de migrar não pode ser sempre visto como uma decisão individual, mas, em contrário, os migrantes devem

ser vistos como indivíduos participantes de um grupo social, sendo este último, em grande medida, o responsável por tornar o projeto migratório algo extremamente viável. Tal afirmação se deve ao fato de ser este grupo social que coloca, em grande parte das vezes, à disposição dos indivíduos, todo um conjunto de conhecimentos sociais necessários à realização do projeto migratório.

No bojo desta dissertação, as teorias que explicam o fenômeno migratório com base nestes grupos sociais que acabam por constituir as chamadas redes sociais, certamente, são de grande contribuição, já que, desde a década de 1960, emigrantes valadarenses se deslocam para os EUA e mantêm relações com amigos e familiares que por aqui deixaram, sendo essa uma das explicações para a concentração de valadarenses em áreas específicas nos EUA.

Destacando a importância das redes sociais no processo migratório do município de Governador Valadares, Siqueira (2009) afirma que graças às redes, por muito tempo – especialmente a partir de 1980, embora a rede tenha começado a se estruturar já na década de 1960 –, pessoas que jamais imaginaram sair de seu município de origem, que não conheciam nem mesmo as grandes cidades brasileiras e que sequer dominavam o inglês, se viram desembarcando no aeroporto de New York, chegando a Somerville (estado de Massachusetts) e em poucos dias conseguindo colocação no mercado de trabalho secundário, em especial em setores de limpeza e construção civil.

De fato, o papel das redes sociais há muito já vinha sendo destacado na análise de vários autores (Harbison (1981), Taylor (1986), Massey (1990), Massey et. al (2000)), que ressaltam sua importância na perpetuação do fenômeno migratório.

Massey (1990) afirma que as redes migratórias compõem um conjunto de laços sociais que ligam as comunidades de origem a pontos específicos nos locais de destino, aumentando ainda mais a possibilidade do movimento internacional.

No mesmo sentido, afirma Siqueira (2009) que a formação das redes é desencadeada pelos primeiros migrantes que, apesar de deixarem o local de origem, com ele mantêm estreita relação, de forma a estabelecer uma ponte deste local com o local de destino. Ainda segundo a autora, essa ponte é construída pelo intercâmbio de informações sobre empregos nos locais de destino, pelo financiamento do processo migratório e até mesmo pela hospedagem dos recém-chegados (SIQUEIRA, 2009, p. 46).

Considerando que a emigração de longa distância, caso aqui tratado, representa muitos riscos para aqueles que se aventuram no projeto migratório – tais como a segurança pessoal, a dificuldade com a nova língua, a preocupação com a renda, com o trabalho, com a moradia e com a adaptação ao novo território –, as redes sociais podem ser vistas como mecanismos minimizadores de tais riscos e desconfortos.

Discorrendo acerca do papel das **redes sociais** no processo de adaptação do migrante ao local de destino, Marandola e Gallo (2010) afirmam que:

As redes sociais (...) recupera[m] o bem-estar e o sentimento de pertencimento do migrante, constituindo uma resposta às dificuldades de inserção/adaptação encontradas no local de destino. A cooperação para enfrentar os desafios impostos pela nova realidade vivida pelo migrante certamente traz mais benefícios do que ações individuais. (...) Para o migrante, essas redes representam um referencial identitário e um meio fundamental para orientar seu envolvimento no local de destino. (...) [os migrantes passam a possuir] uma rede de lugares e relacionamentos baseados na confiança alicerçada na origem comum, sendo o fato de serem conterrâneos a base dos laços de confiança e do novo processo de territorialização. Os migrantes passam a adquirir domínio/controlar espacial do local de destino, gerando territorialidades ao recriar seu território identitário (MARANDOLA e GALLO, 2010, p. 413).

Para Siqueira (2009), além funcionarem como mecanismos facilitadores do projeto migratório, as redes sociais também são responsáveis por dar nova configuração ao meio no qual se estabelecem. Conforme assegura a autora, todo aquele que empreende o projeto migratório, além de carregar consigo suas aspirações pessoais ou coletivas, carrega ainda suas identidades culturais, étnicas e de gênero, suas relações de parentesco, enfim, todas as territorialidades vividas.

Em suma, são estas as teorias que, conjuntamente tomadas, serão utilizadas visando à compreensão do fenômeno migratório, objeto de estudo desta dissertação.

Uma vez apresentado o referencial teórico que será utilizado neste trabalho acerca dos temas território e migração, passa-se, no próximo capítulo, a apresentar a caracterização do município de Governador Valadares, para, então, traçar um histórico dos movimentos migratórios que nele se processam.

CAPÍTULO III: O MUNICÍPIO DE GOVERNADOR VALADARES

Nesta seção, buscar-se-á caracterizar o município de Governador Valadares, dando especial enfoque às características socioeconômicas para, a seguir, traçar um histórico da migração na região, levando-se em conta os fatores que a estimularam e que acabaram por criar uma cultura migratória na população local. Por fim, serão apresentadas questões relacionadas à crise econômica vivenciada pelos EUA na década passada, cujo ápice se deu em 2008, relacionando-as a resultados de pesquisas que comprovam a influência da citada crise na decisão de muitos brasileiros de retornar para o local de origem.

3.1. Caracterização do município de Governador Valadares:

Localizado no interior do estado de Minas Gerais, Governador Valadares encontra-se a nordeste da capital do estado e é um dos municípios pertencentes à microrregião⁷ de mesmo nome, que está inserida na mesorregião do Vale do Rio Doce (Figura 1).

⁷ A microrregião de Governador Valadares é ainda composta por mais 24 municípios, quais sejam: Alpercata, Campanário, Capitão Andrade, Coroaci, Divino das Laranjeiras, Engenheiro Caldas, Fernandes Tourinho, Frei Inocêncio, Galileia, Itambacuri, Itanhomi, Jampruca, Marilac, Mathias Lobato, Nacip Raydan, Nova Módica, Pescador, São Geraldo da Piedade, São Geraldo do Baixio, São José da Safira, São José do Divino, Sobrália, Tumiritinga, Virgolândia.



FIGURA 1 – Localização de Governador Valadares
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Governador_Valadares

Em termos populacionais, tomando-se por base o período abrangido pelo presente trabalho, pode-se verificar que houve um crescimento populacional do município. Conforme os dados da Contagem da População de 2007 (IBGE), um ano antes de os Estados Unidos vivenciarem o ápice de sua crise econômica, a população do município de Governador Valadares era de 260.396 habitantes. No Censo Demográfico de 2010 (IBGE), a população do município subiu para 263.689 habitantes, mantendo o município na nona posição entre os mais populosos do estado de Minas Gerais. Considerando sua extensão territorial de 2.342,3 km², sua densidade demográfica, em 2010, era de 112,6 habitantes/km².

O produto interno bruto do município (PIB), em 2011, foi de R\$3.500.712.000,00. O principal setor da economia municipal é o de serviços, sendo que o valor adicionado pelo setor ao PIB, nesse ano, representou 72,1%, ficando o valor adicionado pela indústria em 15,9% e, caso da agropecuária, em apenas 1,3%.

Em termos econômicos, desde o início de sua história, a ocupação do território denominado Governador Valadares se norteou pela busca de riqueza rápida e farta, contando com ciclos econômicos extrativistas e exploratórios, o que acabou por resultar em uma organização produtiva com forte tendência estrutural à estagnação e ao esvaziamento econômico.

Conforme atestam os registros históricos⁸, a descoberta da região se deu por volta de 1573 quando Sebastião Fernandes Tourinho, partindo do litoral, subiu o rio até alcançar a foz do Suaçuí Grande, com a finalidade de descobrir ouro e pedras preciosas.

Apesar de ter sido descoberta de maneira relativamente precoce se comparado ao tempo de descobrimento de outras localidades, muito pouco se tinha avançado na ocupação da Região, até que, com o objetivo de conter os constantes ataques dos botocudos⁹, o primeiro passo em direção à ocupação da região foi dado com a instalação, no então Porto de Dom Manuel¹⁰, em 1818, de uma das seis Divisões Militares do Rio Doce, criadas pela Carta Régia de 13 de maio de 1808.

Em que pese a instauração da referida divisão militar representar a base histórica legal de criação do território, sua efetiva ocupação, todavia, aconteceu no início do século XX, com a construção da Estrada de Ferro Vitória-Diamantina (atual Vitória- Minas - EFVM):

A construção da EFVM foi fator de aceleração da colonização do Vale do Rio Doce. O movimento de ocupação do litoral para o interior somente se tornou significativo com sua construção. Mais do que qualquer outra parte da Região, a zona a montante de Governador Valadares até o Rio Piracicaba, onde se localizaram importantes siderúrgicas, dependeu inteiramente da ferrovia. Os núcleos urbanos dessa zona não se localizaram nas margens do Rio Doce, com poucas exceções, mas em torno de estações da estrada de ferro. Para a zona a jusante de Governador Valadares e, especialmente para este município, a ferrovia provocou o aumento da atividade madeireira e da produção de café, bem como fez desaparecer o precário sistema de transporte feito por canoas (ESPINDOLA, 2000).

Um pequeno movimento comercial começou então a despontar em torno da estação em razão da instalação de fornecedores da estrada de ferro e da chegada de comerciantes na região. Tal movimento, inicialmente tímido, anos depois foi se

⁸ Fonte: biblioteca IBGE

⁹ Silvícolas nativos da região.

¹⁰ O município de Governador Valadares, ao longo de sua história, recebeu várias denominações: de Porto Dom Manuel (1808), passou para Distrito do Município de Peçanha (1884), tornando-se Santo Antônio de Figueiras (1884), depois Figueiras (1937) e, finalmente, Governador Valadares em 1938 (ESPINDOLA, 2005).

tornando cada vez mais intenso, especialmente em razão da construção da ponte sobre o Rio Doce e da inauguração da estação de Figueira¹¹ (ESPINDOLA, 2000).

Outra grande responsável pelo avanço na ocupação demográfico-econômica da região foi a construção da rodovia Rio-Bahia, iniciada na década de 1940:

A rodovia Rio-Bahia (...) possibilitou pela primeira vez uma comunicação no eixo sul-norte. Nos anos cinquenta, mesmo não tendo pavimentação, determinou a alteração no sentido do tráfego, que além de dirigir aos entroncamentos com a EFVM, para buscar mercados de Belo Horizonte e Vitória, também se dirigiram para o Rio de Janeiro. A construção da rodovia fez avançar a ocupação demográfico-econômica e, ao mesmo tempo, determinou uma alteração significativa no seu rumo, voltando-o preferencialmente para o Rio de Janeiro (ESPINDOLA, 2000).

Nesta época, de uma simples estação da Estrada de Ferro Vitória/Minas, o município se transformou em um centro regional, tendo a infraestrutura viária criada possibilitado a chegada de imigrantes que saíam do campo, mas também provenientes de outras regiões¹².

Como fruto da infraestrutura criada, a região assistiu a um vertiginoso aumento de suas atividades econômicas, com ênfase à extração mineral e vegetal (ligada à fabricação de carvão e aos negócios madeireiros), à agricultura, à produção cafeeira, aos empreendimentos industriais, à pastagem, entre outros (ESPINDOLA, 2000; DIAS e OLIVEIRA, 2010).

Em 1942, o contexto da Segunda Grande Guerra Mundial favoreceu ainda mais o desenvolvimento da região do Rio Doce, que, em razão da grande quantidade de minério de ferro e mica que possuía, garantiu papel de destaque nos cálculos estratégicos do governo. Como parte dos Acordos de Washington¹³, foi iniciada uma reforma na Estrada de Ferro Vitória/Minas de forma a garantir o transporte de minério em grande escala, sendo necessário, para tanto, financiamento e mão de obra qualificada vinda diretamente dos EUA. Esta foi, sem

¹¹ Conforme relatam os registros históricos, a inauguração da estação de Figueira se deu no dia 15 de agosto de 1910.

¹² Segundo Espindola, uma parte dos imigrantes vindos do Nordeste, ainda que pequena, que seguiam em direção ao Rio de Janeiro e São Paulo, ficaram na zona do Rio Doce (ESPINDOLA, 2012).

¹³ Os Acordos de Washington ocorreram após a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial em 1941. Aquela potência necessitava do apoio estratégico do Brasil e demais países das Américas. Desta forma, em janeiro de 1942, no Rio de Janeiro, houve uma conferência orientando a ruptura das repúblicas americanas com os países do Eixo. Em março de 1942, na Terceira Reunião de Consulta de Chanceleres Americanos, foram fechados os acordos em represália ao torpedeamento de cinco navios brasileiros por submarinos supostamente alemães (COSTA, 2004).

dúvidas, a primeira grande conexão estabelecida entre Governador Valadares e os EUA¹⁴:

Nesse período, a cidade recebeu muitos americanos, que coordenavam os trabalhos tanto de extração como de beneficiamento da mica. Essas atividades geravam muitos empregos, o que conferiu um dinamismo à vida econômica local. Além disso, (...) financiado pelo governo americano, foi construído na Cidade o SESP – Serviço Especial de Saúde Pública, com a finalidade de tratamento da malária, que atormentava os moradores da região. Esse período de desenvolvimento foi associado à presença dos americanos (SIQUEIRA, 2009).

Concomitantemente a isso, ainda segundo Espindola (2012), um conjunto de fatores que envolveram desde o sistema rodoferroviário consolidado até a difusão do caminhão para transporte de toras, a expansão da rede de energia elétrica, a oferta de mão de obra livre e o melhoramento da infraestrutura urbana possibilitaram a implementação de dezenas de serrarias na Zona do Rio Doce. Como não poderia deixar de ser, Governador Valadares, que já despontava como centro regional, transformou-se no principal centro de beneficiamento da próspera indústria madeireira:

A indústria da madeira foi fator decisivo na formação regional e no processo de urbanização. As atividades de beneficiamento da madeira, cujo auge também se concentrou nos anos 1940 e 50, tiveram um papel central no crescimento da cidade, onde operavam 14 grandes serrarias e uma fábrica de compensados. A principal empresa foi a subsidiária da Siderúrgica Belgo Mineira Companhia Agropastoril Rio Doce (CAP), que instalou uma das mais modernas fábricas de compensados do país, a três quilômetros do centro (atual bairro Universitário) (ESPINDOLA, 2000).

Em 1950, a agricultura itinerante¹⁵, base da ocupação da Região do Rio Doce, em razão de ter se desenvolvido sem a observância de qualquer técnica de conservação do solo, acaba por dar lugar definitivo à pecuária. Esta atividade produtiva, por sua vez, apesar de ter vivenciado na década de 1950 uma supremacia incontestável, anos depois, na década de 1980, assistiu à sua franca decadência, motivada pelas mesmas razões que um dia impediram a continuidade da agricultura comercial, qual seja: a degradação ambiental provocada pelas pastagens.

¹⁴ A partir da entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial, a indústria da mica se implementou definitivamente na zona do rio Doce, com a tutela dos americanos. Os EUA fornecem apoio técnico e financeiro, despendendo grande esforço para localizar jazidas e estimular a extração por particulares (ESPINDOLA, 2012).

¹⁵ “A escolha dos locais para as plantações e a inexistência de práticas de conservação determinaram um deslocamento constante em busca de novas terras, com o abandono das antigas posses” (ESPINDOLA, 2012).

Durante a década de 1960, ao mesmo tempo em que lidava com a derrocada da indústria madeireira, o município viu surgir pequenas e médias empresas, que, conforme atesta pesquisa realizada por Soares, nas duas décadas seguintes passam a ser responsáveis pelo setor de maior expressividade econômica da região: o setor de serviços.

“Os serviços constituíram a atividade predominante, entre 1985 e 1995, em trajetória levemente ascendente eles participaram com 67,4%, em 1985, e com 68,7%, em 1995, na geração do PIB total da microrregião de Valadares” (ESPINDOLA E SOARES, 2005).

Nos anos de 1970, a utilização do solo sem qualquer preocupação com a sustentabilidade, utilizando-se das práticas tradicionais e queimando indiscriminadamente matas e copoeiras, acabou por resultar no esgotamento dos recursos naturais que, para serem restaurados, necessitavam de investimentos que nunca haviam sido feitos.

O esgotamento dos recursos naturais exigiu dos empresários maiores investimentos para se obterem ganhos de produtividade, porém a opção do capital foi migrar. Restou a imagem da antiga prosperidade fixa na paisagem: nas ruínas do prédio da fábrica de compensados, das serrarias, das fábricas de ferro gusa, da usina de açúcar e álcool, dos frigoríficos, entre outros (ESPINDOLA, 2012).

Assim, é de se constatar que as riquezas naturais, ao mesmo tempo em que foram decisivas para sua ocupação e desenvolvimento econômico da região, em razão do caráter extrativista e exploratório não sustentável de sua utilização, configuraram um território contra a natureza, tendendo à estagnação e ao esvaziamento econômico.

Como resultado do esgotamento dos recursos naturais, a partir de 1960 e de maneira mais intensa nas décadas de 1970 e 1980, a região reduziu drasticamente sua produtividade, reduzindo com isso os ganhos de capitais, o que provocou o fenômeno da migração dos agentes econômicos. Concomitantemente a isso, a região sofreu uma mudança no perfil econômico-social, transformando-se em um reservatório de mão de obra industrial e para o trabalho doméstico no resto do país. A mentalidade extrativista frente à economia e ao meio ambiente impediu que se desenvolvesse uma cultura empreendedora, fazendo com que a região, que no passado foi considerada uma “terra da promessa”, passasse a ser mencionada nos documentos oficiais, como “região problema” (ESPINDOLA, 2000).

Como alternativa para vencer a escassez, surge a emigração. Inicialmente o movimento se deu dentro do próprio país, com a emigração internacional ganhando destaque apenas a partir da década de 1980¹⁶:

Na década de 80 o fluxo migratório ganha maiores proporções (...). O país de destino desses emigrantes, predominantemente, são os Estados Unidos e, de forma menos expressiva, outros países como Canadá e, mais recentemente, Portugal. É possível considerar que o quadro de estagnação e pouca perspectiva de atender às necessidades de consumo socialmente definidas, o sucesso dos primeiros emigrantes que ao retornarem relatavam as maravilhas da terra do “tio Sam” tenham criado no imaginário popular a ideia de que as dificuldades econômicas poderiam ser rapidamente sanadas através da aventura da emigração. Além disso, as redes de relações estabelecidas desde a década de 1960, pelos primeiros emigrantes, tornavam mais acessíveis os mecanismos e arranjos necessários para concretizar a emigração (SIQUEIRA, 2009, p.22).

Por meio deste novo arranjo socioespacial, a economia de Governador Valadares passa por mais um ciclo econômico não sustentável fomentado pela remessa dos denominados valadólares¹⁷, que se desenvolveu em paralelo aos ciclos econômicos oficiais. Os dólares enviados pelos emigrantes movimentaram os setores da construção civil e o comércio local, propiciando a abertura de muitos negócios. Estes recursos foram fundamentais para manter a dinâmica da economia nos anos 1980 e 90. Como ressaltado por Soares e Fazito (2008),

Governador Valadares (...) possui uma economia regional fortemente dependente das remessas internacionais de imigrantes valadarenses residentes nos EUA – segundo Soares (1995), de 1980 a 1994 foram investidos no setor imobiliário da cidade aproximadamente US\$ 150 milhões provenientes da migração, alguns bairros da cidade foram remodelados à custa do dinheiro das remessas (SOARES; FAZITO, 2008, p. 7).

Em que pesem importantes pesquisas sobre o assunto¹⁸, não há uma estimativa oficial sobre o volume de dólares enviado pelos emigrantes valadarenses para o município neste período, até porque parte significativa do fluxo de capital se estabelecia por vias não oficiais.

¹⁶ De acordo com pesquisa realizada por Soares (1995), no período compreendido entre 1980 e 1985, em termos absolutos, os emigrantes valadarenses eram de 4082, número este que subiu para 11864 se considerarmos o período de 1985 a 1990.

¹⁷ Terminologia utilizada pelos migrantes para se referenciar ao capital por eles adquirido nos EUA e enviado por meios oficiais ou através das redes de relações para Governador Valadares.

¹⁸ Soares (1995); Siqueira (2008) entre outras.

Neste sentido, Siqueira (2009) ressalta que, além das vias legais, foram criadas redes de relações que permitiram o envio de dólares por amigos ou por agências, de forma clandestina.

Entretanto, desde a deflagração da crise econômica pela qual atravessou os Estados Unidos na década passada, o município de Governador Valadares, que foi um dos que mais exportaram mão de obra para esse país e que ficou por mais de três décadas dependente das volumosas remessas mensais de dólares enviadas pelos seus emigrantes, se vê na necessidade de procurar alternativas para dinamizar sua economia. O principal motivo é que, como será mostrado adiante, a mencionada crise econômica atingiu principalmente o setor da construção civil, justamente um dos que mais empregam imigrantes como mão de obra. Com isso, grande parte dos imigrantes perdeu seus empregos ou viu reduzidas suas horas de trabalho e, conseqüentemente, seus rendimentos, provocando redução no volume das remessas.

3.2. Histórico da migração valadarense

Uma vez traçado o histórico de formação do município de Governador Valadares e levantadas suas características sociodemográficas e econômicas, nesta seção será analisado o contexto histórico em que se insere a migração valadarense.

O termo migração é derivado do latim *migrare*, ou seja, passar de um local para outro, sendo um processo complexo que envolve experiências de rupturas e mudanças. Neste sentido, apesar de o Brasil já ter sido no passado um grande receptor de imigrantes advindos das mais diversas localidades do globo¹⁹, a partir da década de 1980, passa a vivenciar o fenômeno da emigração internacional.

¹⁹ “A migração internacional desempenhou, desde o descobrimento do Brasil até os anos 30 deste século, importante papel na evolução do País. Marcada por movimentos distintos, inseridos em momentos diferentes da economia, as migrações internacionais contribuíram para a formação e composição da população brasileira. Os portugueses foram os primeiros imigrantes a chegar ao Brasil. Por volta de 1550, com a necessidade de braços para a lavoura canavieira, iniciou-se o tráfico de escravos (...). A partir da segunda metade do século XIX, a implantação da cultura do café conduziu a uma emigração europeia de grande magnitude em direção ao Brasil. (...) A partir de 1930, embora decrescentes as entradas de imigrantes, verifica-se, no período de 1932 a 1935, a chegada dos imigrantes japoneses, particularmente em São Paulo. (...) Os anos 50 encerram o período de “vocaçãõ” receptora da história brasileira, verificando-se que o período pós-1964 marcou definitivamente a redução no número de imigrantes entrados no Brasil” (PATARRA e BAENINGER, 1995).

Seguindo a tendência brasileira, o município de Governador Valadares iniciou um fluxo emigratório de tal proporção que acabou por lhe render, por algumas décadas, o título de polo exportador de mão de obra para os Estados Unidos da América.

Analisando o contexto histórico do município de Governador Valadares, facilmente se percebe que as experiências migratórias marcam a dinâmica socioeconômica da região desde seus tempos mais remotos. A princípio, por se encontrar em um ponto estratégico da região, o município assistiu à chegada de muitos imigrantes vindo das mais diversas regiões do país, especialmente no período de construção e após a implantação da Estrada de Ferro Vitória/Minas e da rodovia Rio-Bahia (BR116). Todavia, em uma fase mais adiantada de sua história, por volta de 1960, como consequência da já mencionada tendência estrutural da organização produtiva à estagnação e ao esvaziamento econômico, a região foi marcada por um significativo processo de perda populacional, como ressalta Siqueira (2009):

A dinâmica demográfica da Região do Rio Doce tem sido marcada por um esvaziamento populacional a partir da década de sessenta. Os dados apresentados pelo Censo de 1960 indicam 1.701.816 habitantes, enquanto o Censo de 1991 apresenta um total de 1.546.568 habitantes, ou seja, uma redução de 9% em relação ao ano de 1960. A participação relativa da região era de 15,88% da população de Minas em 1950, crescendo para 17,34% em 1960, quando começa a decrescer: em 1970 cai para 14,9%; em 1980, para 11%; e em 1991, para 9,83% (SIQUEIRA, 2009).

Tal evasão populacional teve, como principal destino, os outros estados brasileiros. Mas, a partir da década de 1980, uma grande parcela da população passa a se dirigir também para o exterior, como ressalta Soares (1995) com base na análise dos dados do Censo Demográfico de 1991.

O número de emigrantes valadarenses que se encaminham para outros países (...) é da ordem de 33.468 pessoas; o que representa, tendo como base o Censo de 1991, 15,9% da população encontrada na sede do município e 14,5% da população do município (SOARES, 1995).

Apesar de ser possível falar em fluxo migratório apenas na década de 1980, desde a década de 1960, mais precisamente em 1964, já se tem registro de valadarenses deixando o município para empreender o projeto migratório nos EUA.

Os mencionados emigrantes, conforme assevera Siqueira (2008), eram jovens da classe média alta, que possuíam o segundo grau completo e que não

emigraram por razões econômicas, mas em busca de aventuras e de confirmar as informações noticiadas pelos primeiros intercambistas valadarenses.

Os primeiros dezessete jovens que emigraram da década de 1960 para os Estados Unidos da América com o objetivo de trabalhar eram de classe média alta, possuíam o segundo grau completo e estavam na faixa etária de 18 a 27 anos. Emigraram não por razões econômicas, e sim pela aventura e pela curiosidade de conhecer um país que consideravam rico, desenvolvido e cheio de grandes oportunidades. (...) no imaginário da juventude dos anos de 1960, na cidade de Governador Valadares, estava presente a ideia de que lá aconteciam as coisas mais importantes do mundo, a música, os filmes e a guerra do Vietnã. (...) Um elemento importante neste processo, (...), foi a escola de inglês IBEU e os intercâmbios dos primeiros estudantes valadarenses para os EUA, que trouxeram notícias mais concretas da sociedade americana. A imprensa local noticiava as maravilhas vividas por esses intercambistas, que eram amigos dos primeiros emigrantes (SIQUEIRA, 2008, p. 8).

A grande questão que se coloca é aquela que indaga o porquê de o fluxo se estabelecer exatamente entre Governador Valadares e EUA. Na busca por tal resposta, alguns autores ressaltam que o fenômeno da emigração valadarense pode ser compreendido desvendando-se as conexões existentes entre estes dois espaços (ASSIS, 1995; SALES, 1999; SIQUEIRA, 2009).

Conforme já mencionado, o primeiro momento de conexão existente entre os referidos espaços reporta a década de 1940, quando, dentro do contexto da Segunda Grande Guerra Mundial, vários estrangeiros, principalmente americanos, interessados na exploração e beneficiamento da mica, chegaram à região e estabeleceram os primeiros contatos com os nativos (SALES, 1990; ASSIS, 1995, ESPÍNDOLA, 2005). Esse período fora marcado por um grande dinamismo da vida econômica da região, com um aumento na oferta de emprego. Além disso, financiado pelo governo americano, foi criado o Serviço Especial de Saúde Pública – SESP, destinado ao tratamento da malária, doença que atormentava os moradores da região (ESPÍNDOLA, 2005; SIQUEIRA, 2009). A prosperidade desse momento histórico não pôde deixar de ser associada à presença dos americanos, que, a todo momento, passavam uma imagem de pessoas bem-sucedidas que vinham de um lugar onde imperava a fartura.

O contato com o dólar recebido como pagamento ou gorjeta aos favores ou trabalhos prestados, cujo valor era muito acima da moeda brasileira, passa a ideia de opulência e fartura do local de onde vinham os americanos. Findo o ciclo econômico da mica, fica no imaginário popular a visão dos EUA como o Eldorado (SIQUEIRA, 2009).

Essa aproximação com os estrangeiros vindos dos EUA, associada à experiência de migração interna vivida por grande parte dos habitantes do município²⁰, favoreceu, segundo Assis (1999), o surgimento de uma cultura de migração internacional.

Contudo, conforme destaca Siqueira (2009), outros municípios e regiões também receberam imigrantes interessados em explorar as riquezas minerais existentes, no entanto, o fluxo emigratório não se configurou.

Assim sendo, apesar de sua parcela de contribuição, tal contato estabelecido entre estrangeiros estadunidenses e a população valadareense é apenas um dos fatores que explicam o significativo fluxo migratório existente entre estas localidades a partir da década de 1980:

(...) o fluxo de emigração de valadarenses para os EUA é resultado de um conjunto de fatores, e a presença desses imigrantes é apenas um dos fatores, tendo em vista que possibilitou a criação no imaginário popular da ideia sobre os EUA como um lugar de grandes possibilidades e riquezas (SIQUEIRA, 2007).

É possível assinalar ainda quatro outros fatores igualmente preponderantes na configuração desse movimento emigratório.

O primeiro fator leva em conta a existência de uma crise de emprego e a queda no poder aquisitivo da classe média no país de origem, resultado de uma reestruturação econômica pela qual passou o Brasil a partir da década de 1980²¹. Este panorama, sem dúvida, configura um fator que contribui para a implementação do fluxo migratório de Governador Valadares para os EUA (SIQUEIRA, 2007).

O segundo fator preponderante na configuração do movimento emigratório leva em conta a existência de postos de trabalho no mercado secundário do país de destino não desejados por nativos. É que, em razão do pouco prestígio e da baixa remuneração (se comparada com a remuneração de outros postos de trabalho nos EUA), os trabalhadores americanos desprezavam tais postos de emprego, que se

²⁰ A população da cidade era constituída por pessoas vindas de diferentes partes do país (SIQUEIRA, 2009).

²¹ Na década de 1980, o Brasil, que se encontrava politicamente em um período de ditadura militar, passou por um processo de reestruturação produtiva, que teve como principais características elevação da produtividade, reorganização da produção, redução do número de trabalhadores e intensificação da jornada de trabalho dos empregados. Esse momento também foi marcado pela estagnação econômica e elevados índices de inflação (SIEBERT, 2009).

mostravam extremamente atraentes para o emigrante que neles vislumbravam a possibilidade de ganhar mais do que em seu país de origem²² (PIORE, 1995).

Assim sendo, os chamados “fatores de expulsão” na origem e os de “atração no destino” (PIORE, 1979) constroem um cenário propício ao surgimento do fluxo migratório de Governador Valadares para os EUA. Todavia, assim como o contato com os americanos seduzidos pela exploração da mica não é suficiente para explicar o fluxo, aqueles fatores isoladamente tomados também não o são, haja vista o fato de que nenhum deles foi exclusivo do município e da região.

Por fim, o terceiro fator tem em conta questões relacionadas aos laços de solidariedade que se estabelecem entre as pessoas de um mesmo local – no caso, Governador Valadares – que comungavam de um mesmo objetivo: migrar em busca de melhores condições socioeconômicas. Isso é o que caracteriza o que tem sido denominado pela literatura como redes sociais. Com a ida dos primeiros valadarenses para os Estados Unidos, ainda na década de 1960, foi sendo configurado no município uma ampla rede migratória, que envolvia agências de turismo, intermediários, entidades religiosas, redes de parentesco, amizade e de solidariedade étnica, que incentivavam e sustentavam a migração, tornando esse processo migratório tão facilitado a ponto de se tornar parte da dinâmica do município:

Na década de [19]80, as redes estão bem consolidadas em determinadas regiões dos EUA. (...) os migrantes vão para lugares específicos e para setores específicos do mercado de trabalho do país de destino, para isso acessam os recursos das redes sociais. São as redes que, quando configuradas, direcionam esses fluxos para determinados espaços geográficos e para certos setores específicos do mercado secundário. Assim, os emigrantes do sexo masculino da região de Governador Valadares, geralmente, se direcionam para a construção civil, e as mulheres, para as faxinas na região da Nova Inglaterra, nos EUA. (...) Graças a essas redes, é possível para uma pessoa que não sabe inglês, nunca viajou para além de 500 km de sua cidade natal, não conhece as grandes cidades brasileiras como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte desembarcar no aeroporto de New York, chegar a Summerville e dois dias depois estar trabalhando como housecleaner ou na construção civil (SIQUEIRA, 2007).

Vários trabalhos que traçaram o perfil dos brasileiros emigrantes apontaram o município de Governador Valadares como o grande ponto de partida de

²² Mesmo que no país de destino os valores recebidos não representem um bom salário se considerado o custo de vida local, ao serem convertidos na moeda do local de origem – considerando uma taxa de câmbio favorável – acabam por representar um alto valor.

emigrantes para os EUA, bem como identificaram uma rede de relações conectando o território de origem com alguns municípios da região de Boston nos EUA (ASSIS, 1995; MARGOLIS, 1994; SALES, 1992; SIQUEIRA, 2006, 2009).

Martes (2000) e Sales (1999) também ressaltam que o município de Governador Valadares foi o cenário central desse novo movimento populacional iniciado na década de 1980 e que, ao longo dos anos de 1990, se manteve contínuo, ao mesmo tempo em que se diversificava o perfil da população que emigrava e surgiam novos pontos de partida.

Além disso, os estudos de Sales (1999) e de Assis (2004) revelaram uma importante modificação na expectativa temporal dos emigrantes valadarenses com relação ao retorno. Aqueles que inicialmente se definiam como emigrantes temporários passam, por diversos motivos, a ampliar o tempo de permanência no local de destino, o que, por conseguinte, passou a pôr em questão a própria ideia de retorno (ASSIS, 1995; SIQUEIRA, 2006), tendo em vista que os projetos iniciais passaram a ser modificados.

Neste ensejo, homens e mulheres migrantes passam a vivenciar o crescimento da comunidade brasileira nos Estados Unidos, que ganhou visibilidade no país através dos pontos comerciais de produtos étnicos, igrejas e da própria firmação de comunidades étnicas.

Com a consolidação deste fluxo migratório, houve uma considerável modificação na vida cotidiana do município de Governador Valadares, que passou a contar com uma intrincada rede de relações envolvendo não só aqueles que partiram, mas também aqueles que permaneceram no município.

É exatamente neste contexto que, segundo Siqueira (2006), o quarto fator preponderante para a configuração do fluxo migratório entre Governador Valadares e os EUA ganha destaque, surgindo no município dois mecanismos facilitadores do projeto de emigrar: as agências de turismo e os agenciadores.

As agências de turismo colocam à disposição da população serviços relacionados à aquisição de visto no passaporte para entrada legal nos EUA, promovendo desde os agendamentos de entrevistas no consulado, até o transporte e a organização da documentação necessária, bem como prestando informações de como devem se vestir e proceder na hora da entrevista.

Por outro lado, os agenciadores, também chamados de “*cônsules*”, surgiram como uma solução para aqueles que não conseguiram ou que ficaram receosos de

tentar a entrada pelas vias legais no país de destino. Eles organizam grupos de pessoas e providenciam todos os meios necessários para a travessia pela fronteira do México e outras formas de entrada ilegal nos EUA.

Ancorado nestes cinco fatores e tendo cada qual sua parcela de contribuição, o município de Governador Valadares viu nascer uma cultura migratória um tanto quanto acentuada.

3.3. Crise econômica e retorno

Se outrora a próspera economia americana, conforme visto, foi um dos fatores preponderantes no surgimento do fluxo migratório estabelecido entre Governador Valadares e os EUA, motivando um grande número de valadarenses a buscar um futuro mais promissor nas terras desse país, a forte crise econômica vivenciada pelos EUA, a partir de meados de 2006, cujo ápice deu em 2008, marcou o início de um novo fluxo migratório da região: o do retorno de valadarenses.

Diversos autores (MASSEY, 1987; ASSIS, 1995; SALES, 1999; SIQUEIRA, 2008 e outros) afirmam que o retorno, de fato, é constitutivo do projeto de migrar, sendo que grande parte dos migrantes planejam ir, fazer uma poupança, adquirir bens e voltar para a região de origem em uma condição socioeconômica melhor do que aquela do momento da saída.

Com os migrantes valadarenses não poderia ser diferente. Os anos decorridos desde o início do fluxo migratório da região – iniciado em 1960 e intensificado em meados de 1980 – revelam o quanto o projeto de emigrar, conseguir uma colocação no mercado de trabalho secundário dos EUA, ganhar dinheiro e retornar em uma situação melhor, passou a fazer parte do cotidiano de muitos valadarenses, que viram nesse projeto uma possibilidade de fugir da crise econômica brasileira.

Estes emigrantes deram novos contornos tanto para os municípios de origem, principalmente pelo envio de moeda estrangeira, quanto para as localidades de destino, pois recriaram os espaços sociais e formataram o mercado de trabalho, ainda que secundário, dessas regiões.

Muitos emigravam e retornavam após realizar seu projeto migratório. Contudo, em meados de 2006, observa-se, segundo Siqueira e Santos (2012), um retorno mais acentuado e, em muitos casos, antes de se concretizar o projeto migratório inicial: são os fugitivos da forte crise econômica que atingia o país escolhido como destino desses emigrantes valadarenses.

Iniciada no setor imobiliário dos EUA, a crise atingiu diretamente o setor da construção civil, nicho de trabalho de parcela significativa dos emigrantes que lá se encontravam. Ela também atingiu os emigrantes que, seduzidos pelo crédito fácil, optaram por investir suas economias na aquisição de imóveis naquele país.

Segundo Carvalho (2008), duas acentuadas tendências marcaram a economia norte-americana dos anos de 1990. Em primeiro lugar, destaca o autor, havia uma inflação doméstica baixa, responsável por controlar a inflação, mantendo certo equilíbrio nos preços dos bens de consumo e, por conseguinte, também responsável por manter igualmente baixas as taxas de juros básicas. Em segundo lugar, havia um cenário de competição entre bancos e instituições financeiras em um quadro de acentuada desregulamentação:

A outra tendência dominante foi a da intensa competição entre bancos e outras instituições financeiras em um quadro de desregulamentação financeira. A liberalização financeira iniciada nos anos 1980 no contexto da revolução conservadora, liderada por Ronald Reagan e Margareth Thatcher, aumentou a liberdade das instituições financeiras de escolher onde e como operar, aí incluídos mercados que eram tradicionalmente reservados aos grandes bancos comerciais (CARVALHO, 2008, p. 28).

Como consequência dos ganhos relativamente baixos dos mercados tradicionais de empréstimos, acirrou-se a competição no setor financeiro, levando os bancos e as financeiras a buscar mercados que permitissem maiores lucros. À época, um mercado que se mostrou extremamente promissor foi o setor imobiliário dos EUA. No entanto, era preciso inovar, pois, em decorrência do baixo crescimento vegetativo da população norte-americana, bem como do seu envelhecimento, esse mercado estava em fraca expansão (CARVALHO, 2008).

Com o objetivo de aquecer o mercado imobiliário, as hipotecas residenciais²³, que anteriormente eram firmadas preferencialmente com os

²³ Hipotecas residências são contratos de financiamento de imóveis residenciais nos quais o próprio bem é dado em garantia ao empréstimo tomado. Neste tipo de financiamento, o comprador somente recebe a escritura definitiva, tornando-se, portanto, de fato, proprietário do imóvel, após a quitação do saldo devedor.

candidatos que apresentavam um perfil garantidor da dívida contraída (ou seja, aqueles detentores de renda, crédito e perspectivas profissionais), passam a ser firmadas com tomadores *subprime*²⁴.

Com a inauguração de uma nova forma de calcular o risco de calote baseada na análise de crédito fundamentada em modelos estatísticos, este contingente populacional denominado *subprime*, que até então não adentrava o mercado de financiamento imobiliário americano por não oferece qualquer garantia que justificasse a concessão de empréstimo, acabou por se transformar em um público extremamente atrativo, uma vez que, em razão de não ter um perfil ideal, submetia-se a taxas de juros mais elevadas (CARVALHO, 2008).

Ocorre que, conforme ressalta Carvalho (2008), para que tal análise de perfil refletisse a realidade, era imprescindível que a economia do país mantivesse certo nível de estabilidade, tendo em vista que, se a conjuntura mudasse, os cálculos baseados no passado passariam a não mais servir para projetar o futuro.

Na expectativa de que a economia se mantivesse estável e que os tomadores de empréstimo desse grupo de risco mantivessem suas rendas e pagassem em dia seus financiamentos, efetivou-se uma ciranda de empréstimos de altíssimo risco (SIQUEIRA, 2010).

Como forma de estimular as pessoas a tomar tais empréstimos, nos primeiros anos eram oferecidas taxas de juros muito baixas, que, com o passar do tempo, aumentaram vertiginosamente, tornando impossível a quitação das prestações mensais, dando, assim, origem a um cenário de inadimplência. As famílias que antes tinham condições de arcar com o financiamento da casa própria passaram a não mais conseguir arcar com seus compromissos.

Diante de tal inadimplência, os investidores que compraram títulos baseados na hipoteca residencial começaram a colocá-los à venda. No entanto, por não encontrarem outros investidores interessados, acabaram por perceber a falta de liquidez de seus títulos, o que provocou um pânico generalizado no mercado e a crise, que até então estava localizada no setor imobiliário, se expandiu para outros setores do mercado financeiro americano.

Caso o comprador não quite sua dívida, a agência financiadora, que neste caso é a real proprietária do imóvel, poderá promover sua revenda.

²⁴ *Subprime*, por outro lado, são aqueles indivíduos que não têm perfil garantidor de crédito nas instituições financeiras, uma vez que não têm renda comprovada, nem emprego fixo ou histórico positivo de crédito.

Neste cenário de crise econômica, vários emigrantes valadarenses se viram obrigados a redesenhar seus projetos migratórios. Com a diminuição da oferta de trabalho e conseqüente redução da possibilidade de trabalhar tantas horas como antes, a redução do valor da hora trabalhada, a queda do valor do dólar em relação ao real, somadas à já intensificada fiscalização do controle de emigração iniciado nos EUA após os atentados de 11 de Setembro, o custo benefício da emigração passou a ser, sob certo ponto de vista, negativo.

No mesmo sentido, Siqueira e Santos (2012) afirmam que:

A ideia que perpassa o imaginário popular dos moradores da Microrregião de Governador Valadares de que os Estados Unidos seriam um país rico e poderoso onde seria possível ganhar dinheiro, desmoronou para muitos que (...) voltaram para sua terra natal. A redução da oferta de trabalho, a queda do valor da hora de trabalho e a desvalorização do dólar foram fatores concretos que demonstraram para muitos emigrantes que o "custo benefício" de permanecer nos EUA já não era positivo e o retorno seria uma opção (SIQUEIRA e SANTOS, 2012, p. 39).

Para o emigrante que ainda não pensava no retorno, ou porque ainda não havia conseguido alcançar seus objetivos ou porque havia decidido viver nos EUA, tendo adquirido sua casa e mudado o seu padrão de vida, retornar devido à crise econômica é algo por vezes marcado pelo desapontamento e pela ideia de insucesso.

A crise econômica americana atingiu diretamente os emigrantes brasileiros e muitos optaram por retornar diante da inviabilidade de continuar vivendo naquele país. Todos viram seus sonhos serem frustrados, alguns conseguiram regressar e ter uma renda nas cidades de origem, mas a grande maioria afirma que o retorno não desejado torna ainda mais difícil a readaptação, principalmente porque experimentaram a vida em um lugar que acreditavam ser o país das oportunidades (SIQUEIRA, 2008, p. 157).

Segundo Sayad (2000), nenhum indivíduo passa ileso por um processo migratório. Viver em um país estrangeiro onde todos os sacrifícios são permitidos em nome da busca da realização dos desejos e do sucesso financeiro, estar longe da vida e do tempo real encontrado em seu país e, de forma súbita, ser obrigado a retornar a suas origens, porém em outro tempo e com inúmeras modificações ocorridas no ambiente, sem dúvida alguma acarreta uma série de conseqüências para o migrante. Ainda segundo Sayad,

Não se pode estar e ter estado ao mesmo tempo. O passado, que é o 'ter-estado', não pode jamais se tornar novamente presente e voltar a estar-no-presente, a irreversibilidade do tempo não permite (SAYAD, 2000, p. 11).

Para além da frustração e do constrangimento de não ter conseguido “fazer a America”²⁵, boa parte dos emigrantes que retornam sem conseguir realizar o seu projeto migratório ainda têm que lidar com a falta de perspectiva em relação ao futuro. Muitos emigram sem qualquer qualificação e quando retornam se deparam com uma barreira quase que intransponível rumo à conquista do sonho inicial de mudar sua condição social.

Assim sendo, além de ter que enfrentar as dificuldades para se inserir no mercado de trabalho, grande parte dos migrantes valadarenses, ao perceber que todas as coisas mudaram desde a época em que emigrou, sente acentuar suas incertezas e desconfortos, o que acaba por comprometer ainda mais seu estado psíquico, dificultando sobremaneira sua inserção no mercado, limitando ainda mais suas possibilidades de aferir renda.

Por outro lado, há ainda que considerar aqueles migrantes valadarenses que, apesar de reconhecerem que a crise foi um fator preponderante na sua decisão de retornar, tiveram sua reinserção facilitada pela experiência migratória, seja porque tiveram tempo de se qualificar, seja porque aprenderam uma profissão que não tinham antes de migrar.

No próximo capítulo, passamos a analisar os dados coletados na pesquisa de campo, buscando identificar as dificuldades e as facilidades encontradas pelos migrantes retornados para se reinserir na economia valadarense.

²⁵ A expressão “fazer a América”, que os emigrantes do século XXI continuam a utilizar, significa trabalhar e permanecer no estrangeiro para juntar recursos suficientes para retornar em uma situação socioeconômica mais elevada (SIQUEIRA, GLAUCIA E DIAS, 2010)

CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tento sido exposto todo o arcabouço teórico de sustentabilidade da presente dissertação, bem como feito a caracterização do território objeto de estudo, nesta sessão serão apresentados e discutidos os resultados obtidos a partir da análise dos dados colhidos na pesquisa de campo.

Todavia, antes de efetivamente adentrar nos resultados será retomado o problema de pesquisa e apresentada a metodologia utilizada na realização da pesquisa.

4.1. Questões preliminares

4.1.1. Retomando o problema de pesquisa

Conforme já exposto anteriormente, o município de Governador Valadares, durante vários anos, assistiu um fluxo migratório internacional contínuo e relativamente alto que teve como destino os Estados Unidos. Por uma série de fatores, vários valadarenses acabaram por se sentirem seduzidos pelo sonho de “fazer a América”. Também foi ressaltado que, a partir de meados de 2006 (SIQUEIRA E SANTOS, 2010), passou a ocorrer um retorno mais acentuado de emigrantes devido as consequências da grave crise econômico-financeira pela qual atravessava os EUA, país que, até então, acreditavam ser o “país das oportunidades”.

É exatamente em razão deste acontecimento que despertou-se para o problema de pesquisa norteador desta dissertação, qual seja: verificar como se tem articulado o processo de reinserção na economia valadarense dos migrantes retornados no pós-crise americana..

4.1.2. Metodologia de pesquisa

Tendo em vista o objetivo a ser alcançado na presente dissertação, optou-se, além da pesquisa bibliográfica e documental sobre o tema, pelo uso de uma abordagem qualitativa, tendo em vista que, partindo de tal abordagem, bem como se utilizando o método de reconstrução das teorias subjetivas dos sujeitos da pesquisa, a tarefa de captar as influências das territorialidades vividas ao longo de todo o processo migratório na reinserção dos migrantes valadarenses na economia do local, torna-se uma tarefa mais facilitada.

Segundo FLICK (2004), o termo “teoria subjetiva” guarda relação com a reserva complexa de conhecimento que o entrevistado possui sobre o tema que se pretende estudar em determinada pesquisa. Ainda segundo o autor, tal conhecimento pode ser expresso de forma explícita e imediata ou de forma implícita, daí a necessidade de se amparar o entrevistado através de diferentes tipos de questões que exercerão a função de mecanismos de auxílio metodológico.

Com tal consciência, foram realizadas 11 entrevistas semiestruturadas²⁶ com informantes qualificados. As entrevistas foram realizadas entre os meses de julho e novembro de 2013, cabendo ressaltar que as mesmas foram realizadas como complementação da pesquisa realizada pela pesquisadora Sueli Siqueira na Microrregião de Governador Valadares²⁷.

Considerando que os dados obtidos em uma pesquisa qualitativa têm por objetivo a “compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social, (...) a quantidade é, então, substituída pela intensidade dos dados e informações coletadas” (GOLDENBERG, 2001, p. 49). Assim, a quantidade de entrevistas semiestruturadas realizadas, se justifica em razão de se entender que esta é suficiente para a coleta das informações de natureza subjetiva que se pretende alcançar.

Os 11 sujeitos colaboradores desta pesquisa foram selecionados por meio

²⁶ Roteiro disponível nos apêndices desta dissertação.

²⁷ A pesquisa foi realizada com homens e mulheres emigrantes, maiores de 18 anos e retornados dos EUA no período entre 2006 e 2010. Ao total foram realizadas 237 entrevistas formais nos municípios que compõe a Microrregião. Deve-se ressaltar que este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Vale do Rio Doce – processo número PQ.003/10-1.

de contatos ou indicações de pessoas que já haviam colaborado na citada pesquisa realizada pela pesquisadora Sueli Siqueira e foram selecionados com base nos seguintes critérios de inclusão: homens ou mulheres, com idade igual ou superior a dezoito anos, residentes em Governador Valadares ou que haviam residido no município antes de empreender o movimento migratório rumo aos EUA e que tenham retornado após a eclosão da crise econômico-financeira sofrida por esse país na década passada.

Todas as entrevistas foram realizadas em locais sugeridos pelos próprios entrevistados e tiveram duração média de uma hora (1h), tendo sido devidamente gravadas e transcritas com autorização daqueles.

Visando garantir a privacidade dos informantes, foi atribuído um nome fictício para cada um deles, conforme quadro abaixo, o qual apresenta algumas informações gerais sobre os mesmos²⁸.

²⁸ No apêndice desta dissertação encontra-se disponível uma breve caracterização dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Quadro 1 – Perfil dos emigrantes entrevistados

Nome do emigrante	Idade atual (anos)	Ano em que migrou para os EUA	Ano em que retornou dos EUA	Grau de instrução da época em que migrou	Profissão na época em que migrou	Profissão atual	Motivo declarado do retorno
LAURA	53	1999	2010	Ensino médio completo	Cabeleireira	Cabeleireira	Família
ALICE	33	1997	2009	Ensino fundamental completo	Estudante	Esteticista	O marido quis voltar
LUCAS	26	2004	2011	Ensino fundamental completo	Ajudava os pais na roça	Estudante	Crise econômica
LUCIANO	49	2003	2009	Ensino médio incompleto	Vendedor	Vendedor	Família
THIAGO	35	1997	2010	Ensino fundamental incompleto	Estudante	Serviços gerais (limpeza)	Problemas familiares
SANDRA	41	1999	2012	Superior Completo	Auxiliar de escritório	Comerciante	Família / saúde de casa
LEANDRO	28	2002	2011	Ensino médio incompleto	Estudante	Técnico de telecomunicações	Foi deportado
BERNARDO	38	1998	2009	Superior incompleto	Estudante	Engenheiro Civil	Já tinha programado voltar, a crise acelerou o processo.
FELIPE	56	2003	2012	Superior Incompleto	Proprietário de Restaurante	Chefe de Cozinha	Família
LUANA	29	2007	2011	Superior Incompleto	Desempregado	Vendedora	Separou-se do companheiro brasileiro que tinha nos EUA
JOÃO	27	1990	2009	Nenhum - tinha 04 anos	Nenhuma - tinha 04 anos	Operador de caixa	Foi deportado

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa de campo realizada em 2013.

Uma vez apresentada a metodologia utilizada neste trabalho, na próxima seção são apresentados e discutidos os dados da pesquisa de campos.

4.2. Apresentação e discussão dos resultados

Buscando atingir o objetivo geral traçado como meta nesta dissertação, vários aspectos da dinâmica migratória dos migrantes valadarenses incluídos no perfil estudado restaram evidenciados. Assim sendo, para uma melhor compreensão dos resultados obtidos, optou-se por dividi-los em certas categorias de análise, as quais passa-se a expor.

4.2.1. Percepção da crise

A partir da análise dos dados coletados em campo, verificou-se ser possível afirmar que houve uma clara percepção, por parte dos emigrantes componentes da amostra, de que a crise econômica americana, trouxe uma série de alterações no cotidiano dos que lá viviam.

Dentre os aspectos destacados, algo que chamou atenção foi o marco inicial de percepção da crise apresentado por um dos informantes, que, quando questionado, prontamente assegurou que, para ele, a crise teve seu início, ainda que discreto, em 2001, mais especificamente após o atentado terrorista às torres do World Trade Center em Nova Iorque.

Quando eu cheguei [janeiro de 2001] tinha muito trabalho... muito mesmo, era coisa digamos... fora do normal para o nosso padrão aqui!! Depois, foi ficando tudo muito difícil. (...). Com o ataque terrorista das torres gêmeas já deu pra perceber...aliás começaram a dizer que o país tava começando a entrar em crise. Você não enxergava isso porque as construções continuavam do mesmo jeito, mas já se falava em crise... depois daquele ataque das torres gêmeas foi que caiu tudo devagar: foi parando... foi parando... foi parando e chegou no ponto que realmente tava complicado de sobreviver lá. (...) (Lucas, 29 anos)

Em que pese este marco inicial de percepção da crise apontado por esse entrevistado, não se pode dizer que tenha havido consenso entre os sujeitos envolvidos na pesquisa, até porque, quatro deles sequer tinham realizado o seu movimento migratório a esta altura.

Se em relação a esta data particular (2001) não foi verificado um consenso, por outro lado, todos os informantes, sem exceção, relatam ter percebido, cada um a sua maneira, as alterações ocorridas em seus respectivos cotidianos após a deflagração da crise, claramente sentida a partir de 2006.

Confirmando os dados apresentados no tópico anterior deste trabalho que tratou da crise econômica e o retorno, várias foram as formas de percepção da crise, sendo que, hora suscitando questões relacionadas à oferta de trabalho, hora suscitando questões relacionadas ao valor da hora trabalhada, à inflação, ao custo de vida e à fiscalização em relação ao emigrante indocumentado, quase todos os informantes afirmaram ter sido diretamente atingidos pela crise.

Em relação à fiscalização realizada pela emigração americana, de maneira geral, os informantes asseguraram que antes da crise viviam relativamente mais tranquilos e que não se sentiam tão perseguidos, mas que, após sua deflagração, a fiscalização ficou bem mais intensa.

Depois da crise a fiscalização ficou bem mais rigorosa!!! Porque é igual eu te falei, não precisavam mais do imigrante... (...). Depois da crise eles pensaram: 'eu não preciso de você, vou te mandar embora'... na minha concepção foi o que aconteceu!! Porque você não via falar em imigração no ápice da construção dos Estados Unidos, aí foi só essa crise começar (...) que começou a mandar muita gente embora. Alguns estados aprovaram uma lei segundo a qual a própria polícia, quando parasse um imigrante ilegal em uma rodovia ou em qualquer situação na rua, se parasse um imigrante ilegal a própria polícia tinha contato direto com a imigração... isso antes não acontecia... muita gente dirigia sem carteira, sem habilitação, era parado na rua, o policial dava uma multa e mandava embora (Lucas, 29 anos).

Neste mesmo sentido também relatam Thiago (34 anos) e Leandro (28 anos):

Se a polícia ficou mais ostensiva depois da crise?! Ficou, ficou... bem mais, eram varias blitz, varias vezes na semana e pegava mesmo...(Thiago, 34 anos).

(...) depois da crise a imigração ficou muito mais apertada lá, tava muito rígida, (...) passou a procurar as pessoas que estavam dirigindo sem carteira, sem habilitação, procurar as pessoas que foram pegadas no México... (Leandro, 28 anos)

Do ponto de vista da oferta de emprego e do valor da hora trabalhada, os efeitos da crise também podem ser percebidos.

Todos os informantes, que trabalhavam em diferentes nichos de trabalho no mercado secundário americano, à exceção de Felipe, ponderaram que antes da crise tinham uma renda maior. Afirmaram também que conseguiam trabalhar mais horas e, além disso, a hora trabalhada era mais bem remunerada. Após a deflagração da crise, tiveram uma diminuição considerável de ganhos, o que acabou por transformar ainda mais seus cotidianos, já um tanto quanto modificado em razão da intensificação da fiscalização em relação ao emigrante indocumentado.

Neste sentido, abordando questões relacionadas à queda no valor da hora trabalhada e à oferta de emprego, devem ser destacados os relatos de Thiago, Luciano e Lucas:

*(...) o salário ficou baixo entendeu?! (...) Eu mesmo, na piscina, eu vi isso... **vi valores de piscinas praticados há dez anos atrás voltando** (...). O custo fixo aumentou e a renda caiu, então as pessoas estavam fazendo mesmo pra comer... eles não estavam mais fazendo pra ganhar dinheiro (Thiago, 34 anos) (grifos nossos).*

*Em 2003 (...) **era fácil arrumar emprego lá. (...) a gente dava o preço e hoje não, eles colocam o preço...** hoje você ganha nove dólares por hora (...), eu cheguei a ganhar dezoito dólares por hora na construção civil... (...) A crise realmente afetou todo mundo tanto o americano como os brasileiros!! (...) Afetou muito!! (Luciano, 49 anos) (grifos nossos).*

*Em relação ao meu trabalho o que aconteceu foi o seguinte: as empresas começaram a parar as construções, por isso deu aquela brechada, (...) **eu já cheguei a passar três meses sem receber entendeu?!** (...). Foi uma fase que eu, por exemplo, não ganhei dinheiro quase nenhum... porque você tem suas despesas e despesas caras, então se você não tiver recebendo certinho pra manter tudo em dia, você não ganha dinheiro... (...) Eu procurava economizar por que realmente não dava se não economizasse ficava bem difícil (Lucas, 29 anos) (grifos nossos).*

No mesmo sentido, também devem ser destacados os relatos de Alice, de Luana e de Bernardo, os quais, cada uma a sua maneira, são enfáticos ao narrarem o quanto suas respectivas vidas se transformaram.

*Olha a minha vida em particular teve como se diz... **uma transformação muito grande...** porque a gente tinha uma companhia de piscina né?! E tínhamos duas casas, uma a gente morava, a outra a gente alugava... depois que começou essa crise **muita gente começou a cancelar os nossos trabalhos porque não tinham condições de pagar e foi aonde nós não conseguimos mais continuar pagando a prestação mensal das casas** e quase perdemos uma casa, mas conseguimos vender e, a*

*outra, tivemos que perder por que os juros foram ficando muito alto e nós não conseguimos pagar, aí foi onde nós perdemos uma das casas. Então, deu realmente, como vou falar... transformou muito né?! **Deu um baque muito grande não só pra nós mas pra outras pessoas também...** Todo mundo foi afetado (Alice, 33 anos) (grifos nossos).*

Muito... muito... muito. Demais... demais!! (...) No começo, quando eu cheguei lá, a gente [se referindo também a uma amiga] limpava onze casas por dia, quando eu vim embora, a gente tava limpando quatro. (...) A gente trabalhava para uma mulher de Goiânia se não me engano ela... **Sei que quando a gente chegou lá, ela tinha três ou quatro equipes e limpavam onze casas por dia. Quando eu vim embora só tinham duas equipes e a gente tava limpando quatro casas.** (...) **quando eu cheguei eu ganhava mil dólares por semana, quando eu vim embora eu ganhava seiscentos.** Fez assim ô... diminuiu muito e estava piorando (Luana, 29 anos) (grifos nossos).

Bom eu percebi bastante alteração por que (...) eu trabalhava com obra, com construção. **Eu tinha a minha própria companhia e era muito ocupado. As pessoas tinham que me esperar dois três meses para eu trabalhar pra elas, (...) quando veio a crise, parou...** (...) [Além disso] ao invés de investir aqui [Governador Valadares], eu investi lá... (...) eu tinha três imóveis e eu tive, pra não sujar meu nome, eu tive que pagar pra alguém comprar um deles só pelo motivo da crise. (...) Houve uma grande desaceleração com a crise (...), a construção civil diminuiu noventa por cento; a minha esposa tinha uma companhia de piscinas, também diminuiu bastante (...). A gente sofreu um pouco... (Bernardo, 38 anos) (grifos nossos).

Em que pese todos os relatos acima ressaltarem que a crise abalou profundamente o cotidiano da maior parte dos emigrantes, não se pode deixar de mencionar o relato de Felipe. Apresentando uma percepção completamente diferente a de todos os outros informantes, Felipe (56 anos), apesar de reconhecer que a crise abalou muitos emigrantes, assegura que, para ele, este período foi muito produtivo.

Cozinheiro e dono de restaurante desde antes de empreender o movimento migratório, Felipe que foi para os EUA objetivando aperfeiçoamento e reconhecimento profissional. Ele assegura que, no período de crise, o setor de restaurantes assistiu um aumento considerável do seu movimento em razão do grande número de turistas que, atraídos pela desvalorização da moeda americana, decidiu visitar aquele país.

(...) cê me desculpa, mas pra mim depois da crise foi muito melhor. Pra mim não houve crise, (...) não no meu ramo, na área de cozinha,

na área de comer. Porque o dólar teve aquela super desvalorização... quando eu cheguei nos EUA o dólar era três e setenta e cinco a quatro por um... quando começou a crise ele voltou pra dois, dois e vinte, então o fluxo de turismo aumentou e se tem fluxo de turista tem lojas cheias, tem restaurante cheio!! Sim, a construção civil e outros setores foram muito atingidos... O setor de loja, de restaurante e de coisas de consumo foi muito movimentado... (...) Então tiveram setores que foram muito beneficiados... pra restaurantes não teve crise nenhuma, nenhuma...(Felipe, 56 anos).

Diante dos relatos expostos, é possível se afirmar que de fato a crise alterou o cotidiano de muitos emigrantes brasileiros que se encontravam nos EUA, tendo sido, todavia, percebida e sentida de maneira e intensidade diferentes pelos entrevistados.

Sem dúvidas, a grande maioria dos emigrantes sofreram os impactos negativos da crise, tendo os seus respectivos setores de atuação diretamente afetados. Os setores mais atingidos foram o da construção civil e o da limpeza, nichos de trabalho da maior parte dos emigrantes valadarenses.

Por outro lado, não se pode deixar de ressaltar que, para uma parcela, ainda que pequena de emigrantes – tem-se como exemplo, entre os entrevistados, o caso do Felipe – a crise, apesar de ter sido percebida de forma negativa em vários setores, teve um efeito positivo.

4.2.2. “A crise”: motivação do retorno quase nunca declarada

Dado que salta aos olhos no momento da análise das informações coletadas em campo é o de que, apesar de quase todos os sujeitos da pesquisa terem percebido os impactos da crise sofrida pelos EUA e de terem declarado como ela lhes reduziu consideravelmente os ganhos, apenas um entrevistado, quando questionados acerca da motivação do retorno, declarou expressamente que este tenha algum tipo de vinculação com a crise, evidenciando, com isso, um discurso um tanto quanto contraditório.

A título de exemplo, conforme se pode verificar pelo relato acima transcrito, Alice foi uma das entrevistadas que mais deixou claro o quanto a crise modificou negativamente seu dia-a-dia, mas, ainda assim, quando questionada sobre os

motivos que a levaram a retornar ela deixa claro que a crise não teve qualquer contribuição nesta decisão e que só retornou para acompanhar Bernardo, seu marido que desejava retornar.

Bernardo, por sua vez, quando questionado sobre a causa do retorno, assegura que o mesmo já vinha sendo programado há algum tempo, mas que a crise de fato acelerou o processo.

O meu retorno tinha sido programado há muito tempo atrás... não era nas circunstâncias que a gente tava, mas já tinha sido programado antes... o que aconteceu foi que a crise só ajudou a reforçar a vontade de vir embora (Bernardo, 38 anos).

O único que expressamente declarou a crise como a causa do retorno foi o informante Lucas.

[A crise] teve total influência né?! Foi o que, como diz, me 'mandou embora'!! Chegou um ponto que eu não aguentava mais trabalhar e não receber direito... devido a alta das coisas, minha despesa parece que aumentou depois da crise... os alimentos encareceram, gasolina encareceu... (...). Não dava pra ficar, pensava: 'que que eu to fazendo aqui'... 'se eu não estou ganhando dinheiro, se eu não recebo direito...'. Entendeu?! 'Estou estragando a minha saúde, trabalhando pesado sendo que o Brasil estava melhorando aos poucos'... Entendeu?! Já ouvia falar que o Brasil tava crescendo muito, que o salário melhorou... então, veio muita gente embora nessa época, além das pessoas mandadas pela emigração... igual eu te falei pessoas que vieram por espontânea vontade foi muita gente, muita gente... (...) É... não é bem espontânea vontade, porque ele tava na mesma situação que a minha!! Não tinha motivo para estar lá que é um país bom de se viver, mas quando você tá ganhando dinheiro, quando você consegue se manter... eu não tava conseguindo nem me manter direito!! Imagina você ficar três mês sem receber, complicado!!

Assim, como se pode perceber pelo relato de Lucas, apesar do discurso empenhado pela maior parte dos informantes, a crise certamente influenciou em seus respectivos retornos, seja porque resultou no repensar do projeto migratório, levando-os a concluírem que a relação custo-benefício da permanência nos EUA tinha se tornado negativa; seja porque, fez intensificar a fiscalização em relação ao emigrante indocumentado, o que resultou em varias deportações.

Neste sentido, uma teoria migratória que muito auxilia na compreensão ainda que parcial da atual conjuntura do fluxo migratório entre Governador Valadares e os EUA, é aquela defendida por Lee (1980). É que, de fato, sopesando

os fatores positivos (*pull*), capazes de atrair os emigrantes, os fatores negativos (*push*), capazes de desestimular a permanência e fatores neutros, muitos emigrantes viram no retorno uma alternativa mais vantajosa.

A crise, apesar de não ter sido declarada como sendo um fator que influenciou o retorno, de fato foi preponderante na decisão de retornar de muitos emigrantes valadarenses. Conforme comprovam os resultados do estudo sobre os emigrantes valadarenses que retornaram no período de 2007/2009, desenvolvido pela pesquisadora Sueli Siqueira²⁹ – do qual a presente pesquisa se faz complementar –, as consequências trazidas pela crise, foram apontadas por 30,0% dos entrevistados (n=237) como sendo um dos motivadores do retorno, sendo esse, em muitos casos, indesejado.

Analisando tais dados, Siqueira (2009) observa que:

A crise econômica americana atingiu diretamente os emigrantes (...) e muitos optaram por retornar diante da inviabilidade de continuar vivendo naquele país. (...) [Muitos] viram os seus sonhos serem frustrados, alguns conseguiram regressar e ter uma renda nas cidades de origem, mas a grande maioria afirma que o retorno não desejado torna ainda mais difícil a readaptação (...).

Uma possível explicação para o fato da maior parte dos emigrantes não declararem expressamente a crise como um dos motivos do retorno, reside exatamente na dificuldade que o emigrante tem em enfrentar suas frustrações. De fato, conforme já mencionado, para o emigrante que ainda não pensava no retorno – ou porque ainda não havia conseguido alcançar seus objetivos ou porque havia decidido viver nos EUA –, retornar devido à crise econômica é algo por vezes marcado pelo desapontamento e pela ideia de insucesso. Por isso, muitos, apesar de reconhecerem o peso da crise em suas respectivas histórias, não conseguem admitir que o retorno esteja a ela vinculada.

Neste particular, cumpre-nos reportar ao pensamento de Sayad (2000), o qual se adéqua perfeitamente ao tema aqui analisado. De fato, nenhum indivíduo passa ileso por um processo migratório. Viver em um país estrangeiro onde todos os sacrifícios são permitidos em nome da busca da realização dos desejos e do sucesso financeiro, estar longe da vida e do tempo real encontrado em seu país, e, de certa maneira, ser levado a reelaborar seu projeto migratório e retornar as suas

²⁹ Projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

origens, porém em outro tempo e com inúmeras modificações ocorridas no ambiente, sem dúvida alguma acarreta uma série de frustrações e constrangimentos, o que impede muitos emigrantes de enxergarem, com clareza, a crise como causa do retorno. Muitos preferem se apoiar tão somente na saudade de casa e em razões ligadas à família, minimizando com isso o sofrimento. Entretanto, deve ser ressaltado que a saudade é um sentimento que faz parte de toda a história do emigrante, desde o momento em que esse decide deixar o seu país. A crise econômica apenas fez com que os benefícios da experiência de viver e trabalhar no exterior – cujo retorno financeiro anteriormente era visto como algo que compensava todos os sacrifícios do emigrante de estar longe de sua terra natal, de seus parentes e amigos – se tornassem pequenos em relação aos sacrifícios que devem ser enfrentados.

4.2.3. Condição financeira no momento do retorno

A partir dos dados obtidos junto aos emigrantes retornados entrevistados é possível perceber certa diversidade em relação às condições financeiras no momento do retorno.

Quando indagada acerca desta questão, Laura (52 anos) é veemente ao dizer que, em razão da crise americana, muitos emigrantes se viram em uma situação tão precária que chegaram a precisar, inclusive, de ajuda para voltar à sua terra natal; mas que, por outro lado, outros tantos conseguiram “trazer alguma coisa”, ainda que pouca, para tentar recomeçar a vida no território de origem.

Neste sentido, Alice (33 anos) relata que, do que conseguiu acumular nos mais de dez anos de permanência nos EUA (1997 a 2009), a única coisa significativa que conseguiu manter após a crise foi uma sala que havia adquirido em um prédio comercial de Governador Valadares – local onde atualmente funciona sua clínica de estética e uns poucos dólares que utilizou para reformar a casa onde mora.

(...) a única coisa que eu tinha aqui era a sala que eu comprei antes de vir embora, que é onde eu trabalho agora (...). Dinheiro mesmo, o que nós trouxemos foi só o que usamos pra reformar nossa casa... nós viemos só

com a coragem pra poder trabalhar e começar uma vida nova da mesma forma que nós chegamos lá (Alice, 33 anos) (grifos nossos).

Lucas, por sua vez, afirma que, apesar da crise, em razão das economias que fez, conseguiu retornar com uma alguma quantia para investir no local de origem.

Consegui!! Consegui porque, igual eu te falei, eu economizava muito... eu não era de sair de casa... (...) eu consegui trazer mesmo que pouco depois da crise, mas ainda deu pra mim trazer um pouco... (...) (Lucas, 29 anos).

No mesmo sentido estão os relatos de Luciano, Sandra e Felipe, os quais também conseguiram acumular certa quantia e aplicaram-na integralmente no território de origem, sendo que apenas Felipe – cujo maior patrimônio que trouxe foi a qualificação como chefe de cozinha – conseguiu obter êxito em seus investimentos.

Por outro lado, merecem destaque também os relatos de Thiago e Leandro, os quais, quando questionados acerca das condições econômicas do retorno, relatam que não conseguiram retornar com qualquer quantia em dinheiro, tendo o primeiro, inclusive, retornado com a ajuda de sua mãe e o segundo sido deportado.

Não!! (...) eu vivi a vida de lá... **eu vivia lá... eu não vegetava como vi muita gente!!** (...) vivia muito... pescava quase todo final de semana, fiz MotoCross por um tempo, patinei muito no gelo, esquiei, viajava...(Thiago, 34 anos)(grifos nossos).

ENTREVISTADORA: (...) O senhor trouxe algum investimento, algum recurso financeiro dos Estados Unidos pra investir aqui no Brasil??

LEANDRO: Não!!

ENTREVISTADORA: Nenhum?!

ENTREVISTADO: Não...(…) **vivia lá mesmo!!** (Leandro, 28 anos) (grifos nossos).

Conforme se pode verificar a partir da análise dos relatos da maior parte dos informantes, após vivenciarem a crise americana, tudo ficou “mais difícil”, especialmente em termos econômicos. Todavia, ainda sim alguns conseguiram retornar com alguns recursos financeiros.

Tal fato, certamente encontra sua explicação nas territorialidades vividas no processo migratório. Enquanto alguns se preocupavam em acumular dinheiro a todo custo, outros se ocupavam em “viver a vida”.

4.2.4. Territorialidades vividas no processo migratório: dificuldades ou facilidades no momento de reinserção no mercado de trabalho?

Partindo da análise de alguns dados colhidos em campo, algo que não pôde passar despercebido foi a influência que as territorialidades vividas pelo emigrante em seu processo migratório têm no momento de reinserção no mercado de trabalho do local de origem.

Segundo pondera Siqueira (2009), o projeto de emigrar envolve quatro etapas previamente definidas.

A primeira etapa diz respeito ao movimento de saída rumo ao país de destino que é cuidadosamente escolhido. Chegando ao destino, na segunda etapa, o emigrante baseia seu projeto na possibilidade de altos ganhos financeiros e de fazer poupança, tudo isso a custo de longas e exaustivas jornadas de trabalho – via de regra, em setores do mercado secundário – as quais dificilmente se submeteriam se estivessem no local de origem³⁰.

A terceira etapa do movimento migratório, por sua vez, envolve investimentos no local de origem³¹, isso depois de vencidas as inúmeras dificuldades iniciais, pois, chegando ao local de destino, o emigrante com ambições econômico-financeiras percebe que existe uma série de obstáculos a serem vencidos, tais como os novos hábitos de vida e alimentação, o clima e a língua completamente diferentes, dentre outros. O emigrante acaba por se colocar em uma situação de isolamento social, necessitando, portanto, de promover um processo de reterritorialização afim de superar as ansiedades e aflições vivenciadas.

A quarta e última etapa do movimento migratório é exatamente o retorno ao local de origem. Nesta etapa, o emigrante, que já passou por um processo de des-territorialização, tem necessidade de provar a si e a todos que os sacrifícios realizados não foram em vão, que o seu projeto foi extremamente bem sucedido.

³⁰ Segundo demonstram algumas pesquisas (FUSCO, 1998; SOARES, 2002; SIQUEIRA, 2009), em sua maior parte, as mulheres acabam por ocupar atividades domésticas especialmente de faxina e babá, enquanto os homens são a maioria na construção civil e na jardinagem.

³¹ Em Governador Valadares, bairros inteiros foram se configurando e inúmeros estabelecimentos comerciais foram abertos graças às remessas de dólares, que por vários anos, movimentaram a economia do município (SIQUEIRA, 2009).

Nesta busca ele se depara com inúmeras transformações também no local de origem.

No âmbito desta dissertação, os emigrantes que foram entrevistados, são sujeitos que passaram por todas as etapas do projeto migratório, podendo assim ser considerados emigrantes típicos. Todavia, é necessário destacar que todos decidiram retornar exatamente em um período no qual os efeitos da forte crise econômica pela qual passaram os EUA na última década puderam ser percebidos.

Conforme mencionado anteriormente, a grande maioria de fato sofreu negativamente com os impactos da crise, mas há também aqueles que, apesar dela, conseguiram extrair do empreendimento migratório seus pontos positivos. Tal situação, por si só já revela o quanto as territorialidades vividas por cada indivíduo no processo migratório afetam os resultados.

Chegando ao local de origem, os emigrantes, ainda fortemente marcados pelas territorialidades vividas no processo migratório, precisam, do ponto de vista psicológico, enfrentar todas as alterações ocorridas no tempo-espaço do qual se ausentaram, bem como buscar uma nova forma de inserção na economia local.

Nesta busca, alguns sentem muitas dificuldades, e outros, em que pesem todas as “situações difíceis” que enfrentaram, relatam ter conseguido se inserir com certa facilidade no mercado de trabalho valadarense.

Segundo Luana (29 anos), sua inserção no mercado de trabalho valadarense foi um tanto quanto facilitada em razão de, durante o período em que empreendeu o movimento migratório, ter tido a oportunidade de estudar o inglês e ter conseguido adquirir um nível avançado de conhecimento da língua. Isso, de fato, abriu as portas do mercado de trabalho, todavia, ainda segundo a informante, não foi muito fácil sua (re)adaptação à realidade local.

Coloquei vinte e um currículos [destacando o domínio sobre o inglês]. (...) Esses hotéis aqui de Valadares quase todos me chamaram! O meu primeiro emprego (...) senti demais... queria virar as costas e ir embora na mesma hora!!! Foi assim... lá com toda dificuldade do mundo eu tinha dinheiro. Toda semana eu tinha seiscentos dólares (...). Aqui eu cheguei a ganhar seiscentos reais por mês!! Eu chorei...como eu chorei!!! (...) Nossa Senhora!!! Se eu pudesse eu tinha virado as costas e ido embora, mas eu sabia que não tinha como eu ir embora, que lá a vida era também difícil. (...) até hoje, sinceramente, tem dia que me dá uma vontade de ir embora [risos] (Luana, 33 anos).

Em uma situação um tanto quanto parecida, João deixa transparecer em seu relato o quanto as territorialidades por ele vividas dificultaram sua reinserção no mercado de trabalho local.

Conforme se pode verificar no apêndice desta dissertação que trata do perfil dos informantes colaboradores da pesquisa, empreender o movimento migratório não foi uma decisão tomada por João. Em meados do ano de 1990, aos quatro anos de idade, acompanhado por sua mãe e uma das irmãs, João deixou Governador Valadares rumo aos EUA. Durante os quase vinte anos de permanência nos EUA, teve a oportunidade de trabalhar em diversos setores e de estudar até concluir o ensino médio. Todavia, no ano de 2009 foi deportado e, desde que chegou a seu local de origem, mesmo se esforçando para mudar o cenário, vem enfrentando serias dificuldades de adaptação e para se inserir no mercado de trabalho.

Por que tudo que eu conheço está lá! Foram vinte anos, uma vida!! Meus amigos, família que eu tenho lá, minha educação foi toda lá, a minha língua primária é o inglês. Português pra mim é um pouco difícil (...). Tudo que eu conheço é lá. Acostumei com o estilo de vida de lá e, mesmo tendo passado dificuldades [no período da crise], já estava começando a me acostumar e voltando a me levantar a me erguer de novo e lá eu sei do que sou capaz, onde procurar emprego (...). [Quando cheguei aqui] fiquei sete meses desempregado. (...) Aqui em Valadares espalhei currículo por todos os lugares até coloquei um anúncio no jornal!! Vários me chamaram, mas, não deu em nada... (...) Minha grande dificuldade foi o português. O meu português é bem básico mesmo, é o que eu aprendi dentro de casa com meus pais. Porque lá nos Estados Unidos era inglês o tempo todo, inglês na rua, na escola, com os colegas... só em casa que era português, então eu não sei essas palavras grandes, palavras bonitas coisas assim e nas entrevistas eles costumam fazer umas perguntas difíceis e o meu jeito de falar aparentemente não impressionou ninguém (...). Procurei [emprego] em hotéis, agências de turismo, em cruzeiros, restaurante, (...) lojas (...)... acabei arrumando [em um] Call Center (João, 27 anos).

Por outro lado, há ainda que se levar em conta a existência de algumas situações nas quais as territorialidades vividas no processo migratório representaram um facilitador no processo de reinserção na economia valadarense.

Quando indagado acerca de tal processo, Felipe (56 anos) é enfático ao dizer que não teve qualquer dificuldade para se reinserir na economia valadarense e que tudo que viveu nos EUA – em especial no período de crise, no qual viu aquecer seu setor de atuação –, só contribuiu ainda mais para o seu sucesso financeiro no local de origem.

Não. Não tive não! (...) como eu já morei muitos anos em Valadares, eu já tinha o perfil do Valadarense e eu trabalhei [nos EUA] eu trabalhei em vários restaurantes. Eu trabalhei sete anos com uma pessoa só, mas, (...) ele tem

quatorze restaurantes e eu fui o homem de confiança dele. (...). Ele me levava pra todos os setores do restaurante dele e isso apurou muito a minha dinâmica de cozinha, meu conhecimento de cozinha, habilidade pra montar prato, facilidade pra criar um cardápio... se você me pedir hoje um cardápio Árabe, um cardápio Tailandês, um cardápio Português, um cardápio Espanhol, eu não tenho dificuldade nenhuma... então o que eu fiz?? Montei meu restaurante e pensei, o brasileiro é muito eclético, o brasileiro é muito curioso, eu peguei e montei um cardápio assim, diversificado... (...) bastante do brasileiro, um pouquinho do Italiano, um pouquinho do Francês e um pouquinho do Espanhol e Português e foi uma mistura que acertei em cheio!. Eu não dou conta de atender... é fila de manhã e de noite, todo dia fila, tanto é que eu tô abrindo um outro [restaurante], tá quase pronto, com capacidade dobrada, com muito mais estrutura... agora sim eu tô montando um (...) do jeito que eu sonhei!! (...) [A migração] foi a melhor escola que eu já tive... (...) porque eu dediquei à minha profissão... como eu te disse antes: eu fui pra aprimorar a minha cozinha (...) pensava: 'minha oportunidade tá aqui, agora eu preciso de garimpar um dólar pra mim montar o meu', e comecei a pensar nisso e graças a Deus aconteceu com sucesso.

Assim sendo, a resposta à questão central proposta nesta seção é sem dúvida alguma plural. A partir da análise dos relatos acima transcritos, fica evidente que as territorialidades vividas no processo migratório influenciam sobre maneira a reinserção do emigrante retornado na economia local, em alguns casos dificultando o processo e, em outros, facilitando.

4.2.5. Estratégias para reinserção no mercado de trabalho

Independente do fato das várias formas de interação com o local de destino, todos foram, de alguma forma, levados a refletir sobre como transpor as eventuais barreiras rumo à sua respectiva reinserção no mercado de trabalho valadarense. Alguns obtiveram êxito, outros ainda continuam tendo que repensar estratégias, uma vez que as inicialmente traçadas não se mostraram eficazes.

Alice (33 anos) afirmou que assim que se conscientizou de que era preciso retornar, já começou a pensar em estratégias, o que acabou por facilitar, sua reinserção.

Não encontrei [dificuldade para me reinserir no mercado de trabalho] porque eu já vim com um propósito: trabalhar com a minha sogra que já está na área que eu trabalhava lá, que é estética... ela já tem a clinica de estética dela, eu trabalhei com ela três anos ai depois eu montei a minha e já tem um ano que eu estou trabalhando sozinha (Alice, 33 anos).

Felipe (56 anos) também está entre os informantes que se preocupavam em galgar espaço no mercado de trabalho valadarense. Com tal objetivo em mente, a estratégia de Felipe foi justamente empreender-se no movimento migratório para buscar a qualificação necessária. Após ter se transformado em um chefe de cozinha respeitado, decidiu então retornar e abrir seu próprio empreendimento.

Várias foram as estratégias apontadas pelos demais entrevistados, devendo ser destacada a busca pela qualificação, tendo sido um consenso geral o de que, nos dias de hoje, dificilmente se consegue alteração nas condições socioeconômicas se não for através do estudo.

Lá eu fazia trabalho braçal e, por um bom tempo ganhava bem, aqui ninguém ganha bem fazendo isso, então o que eu vou ter que fazer? Vou ter que mudar totalmente o que eu fazia... vou ter que estudar, estudar muito, pra tentar passar em um concurso ou fazer faculdade (...) Eu acho que hoje não tem outro caminho no Brasil a não ser fazer isso né?! (...) o Brasil tá crescendo muito, dá pra ver que tá crescendo muito e tá precisando de mão de obra qualificada, então quem correr atrás hoje, em longo prazo, vai se beneficiar muito eu acho né?! (Lucas, 29 anos).

Olha... eu penso... penso em estudar hoje mais do que tudo, porque eu toh vendo que só a capacidade de conhecer e de fazer braçalmente (...), só experiência de trabalho aqui no Brasil não é nada... (...). Você tem que ter diploma (...) não basta conhecer o trabalho... meu irmão passou por isso... meu irmão fabrica qualquer tipo de construção que você quiser, era o ramo dele lá. Mexia com pessoas fenomenais na construção civil, mas enquanto ele não acabar o curso que ele começou - já tá quase acabando o curso de engenharia -, ele não sai de ser simplesmente um mestre de obras! (Thiago, 34 anos).

Assim sendo, é possível verificar, que cada um, a sua maneira, após terem vivenciado o processo migratório, têm suas respectivas estratégias – ainda que não colocadas em prática – para se reinserirem na economia valadarense.

CONCLUSÃO

A migração internacional é um fenômeno que, a muito, vem marcando a dinâmica do município de Governador Valadares, tendo atingido proporções significativas a partir da década de 1980, quando passou a ser conhecida como polo exportador de mão de obra para os EUA. Esse movimento emigratório ocorreu, em grande medida, devido ao quadro de estagnação econômica vivenciado por aquele município e a região do seu entorno, historicamente caracterizada pela existência de ciclos econômicos extrativistas predatórios que acabaram por gerar um quadro de estagnação.

Com o objetivo de alcançar uma melhor situação socioeconômica e de adquirir bens de consumo no local de origem, uma parcela considerável da população valadarense optou pela emigração internacional, tendo como destino os EUA.

Dentro do projeto migratório estabelecido anteriormente, o emigrante vislumbra a possibilidade de altos ganhos financeiros que poderiam ser poupados e investidos no local de origem – tudo a custa de longas e exaustivas jornadas de trabalho, normalmente, em setores do mercado secundário.

O emigrante recém-chegado ao seu destino percebe que existem uma série de outros obstáculos que também deverão ser vencidos, tais como o de ter que adquirir novos hábitos de vida, se adaptar a um tipo diferente de alimentação, ao clima e, ainda, ter que dominar outro idioma totalmente diferente do seu.

Em razão de todas estas alterações tempo-espaciais às quais se submetem, os emigrantes são então levados a promover um processo de reterritorialização a fim de superar as barreiras e conseguirem se adaptar à nova vida.

Os migrantes valadarense, ao empreenderem a emigração internacional e deixarem seu território de origem rumo ao mercado de trabalho secundário nos EUA, vivenciam a desterritorialização, não só em razão do movimento realizado, mas também no sentido de perda de uma “experiência total” ou “integrada” do espaço. Ou seja, eles se veem desterritorializados na dimensão físico-natural, econômica, política e cultural ao mesmo tempo, isso tudo em decorrência dos processos de exclusão socioespacial aos quais são submetidos.

Durante o tempo em que se encontram no exterior, os emigrantes acabam por reconfigurar tanto o local de destino, atuando como mão de obra em mercados de trabalho que não são do interesse dos nativos; quanto o local de origem, através das remessas de dólares responsáveis por uma grande dinamização da economia.

O retorno ao local de origem é sempre uma etapa programada do projeto migratório. Nesse sentido, durante os longos anos de existência do fluxo migratório estabelecido entre Governador Valadares e os Estado Unidos, inúmeros valadarenses emigraram e retornaram posteriormente após conseguirem cumprir os objetivos previamente traçados. Todavia, a partir da forte crise econômico-financeira sofrida pelos EUA na década passada, o retorno começou a acontecer em maiores proporções e em condições um tanto quanto diferenciadas, pois uma considerável parcela dos emigrantes retornou sem conseguir realizar o seu projeto migratório.

A análise dos efeitos desse retorno torna-se relevante, uma vez que Governador Valadares e os municípios do entorno que tinham sua economia aquecida pelas remessas enviadas por seus emigrantes, deixaram de recebê-las, passando ainda, com o retorno desses emigrantes, a contar com uma maior oferta de mão de obra, sem o respectivo aumento da demanda.

Partindo desta constatação, essa dissertação traçou como objetivo principal verificar como se tem articulado o processo de reinserção na economia valadarenses dos migrantes retornados no pós-crise americana.

A partir da análise dos dados coletados em campo, percebeu-se que emigrar para esses indivíduos é ser levado a desenvolver diferentes tipos de territorialidades em uma nova realidade cultural e espacial. A perda de laços identitários-territoriais com o local de origem configura-se como um dos fatores indicativos fundamentais do seu processo de desterritorialização, sendo que essa perda influencia diretamente – no retorno – o processo de reinserção dos emigrantes no mercado de trabalho valadarenses, hora proporcionando facilidades, hora funcionando como barreira/dificuldade.

Para o emigrante cuja territorialidade vivida durante o projeto migratório dificulta sua reinserção, ao perceber uma grande quantidade de mudanças no local de destino em relação à época em que emigrou, são acentuadas as suas incertezas e desconfortos, o que acaba por comprometer ainda mais seu estado psíquico,

dificultando sobremaneira sua reinserção no mercado de trabalho e, conseqüentemente, limitando ainda mais suas possibilidades de aferir renda.

Por outro lado, há emigrantes que, apesar de reconhecerem que a crise foi um fator preponderante na sua decisão de retornar, tiveram sua reinserção facilitada pela experiência migratória – portanto pelas territorialidades vividas no local de origem –, seja porque tiveram tempo de se qualificarem, seja porque aprenderam uma profissão que não tinham antes de emigrarem.

Espera-se que este estudo contribua para aumentar o interesse de outros pesquisadores por este tema e que venha a contribuir no auxílio de políticas públicas de amparo ao emigrante retornado. A relevância deste trabalho deve ser medida não pelo volume de respostas alcançadas, mas, principalmente, pela quantidade de novas questões suscitadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Glaucia de Oliveira. *As conexões entre os EUA e o Brasil: Uma análise das redes sociais tecidas entre Governador Valadares e Criciúma*. Criciúma, 1999.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Estar aqui, Estar lá... uma cartografia da vida em dois lugares*. 1995. 230 f. *Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)* – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

BASSANEZI, M. S. B. *Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico*. In: PATARRA, Neide L. (Org) *Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP-1995.

BATISTA, Líbia da Fonseca; BRANDES, Lídia Azevedo. *Transtornos Psicológicos em Emigrantes Retornados*. Monografia para obtenção do grau de bacharel em Psicologia, apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Governador Valadares, 2010.

BOYD, Monica. *Family and personal networks in international migration: recent developments and new agenda*. *International Migration Review*, 1989.

BRITO, Fausto. *Emigração e imigração internacional no Brasil contemporâneo*. Campinas: FNUAP, 1995.

CAMPOS, Marden Barbosa de. *Estimativas de migração internacional no Brasil: os velhos e os novos desafios*. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/reflexoes_deslocamentos/deslocamentos.pdf. Acessado em: janeiro de 2014.

CARVALHO, Fernando Cardim de. *Entendendo a recente crise econômica global*. In: *Dossiê da Crise*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Keynesiana, 2008. Disponível em: <http://ppge.ufrgs.br/akb>.

Costa, Sérgio Correa da, *Crônica de uma Guerra Secreta*, Ed.Record, 2004.

DELEUSE, G. e GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro:34, 1995, 2 v.

DIAS, Carlos Alberto; OLIVEIRA, Sônia Maria Queiroz. Ciclos econômicos e a consolidação do território de Governador Valadares. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/ciclos-economicos-e-a-consolidacao-do-territorio-de-governador-valadares/53410/>. Acessado em: maio de 2014.

ESPINDOLA, Haruf Salmem. Modernização, dinâmica territorial e mudanças ambientais. In: GUEDES, Gilvan Ramalho; OJIMA, Ricardo. (Orgs.). Território, Mobilidade; Ambiente. Governador Valadares/MG. Editora Univale, 2012.

ESPINDOLA, Haruf Salmem. Práticas Econômicas e Meio Ambiente na Ocupação do Sertão do Rio Doce. Caderno de Filosofia e Ciências Humanas. Faculdade de Ciências Humanas e Letras do Centro Universitário Newton de Paiva. Ano VIII, nº14, abril, 2000.

ESPINDOLA, Haruf Salmem. Sertão do Rio Doce, ed. Univale, EDUSC, 2005a.

ESPINDOLA, Haruf Salmen e SOARES, Weber. Identificação da Região do Rio Doce. Governador Valadares: Univale, 2005.

FLICK, Uwe. Uma introdução à Pesquisa Qualitativa. Bookman, 2ª ed., 2004.

FRANKEN, Ieda; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; RAMOS, Natália. Migração e qualidade de vida: um estudo psicossocial com brasileiros migrantes. Estudos de Psicologia. Campinas, 2009.

FUSCO, Wilson. Redes Sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares. Campinas, dissertação de mestrado em sociologia, IFCH, UNICAMP, 1998.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer uma pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GUILMOTO, C. Z.; SANDRON, F. (2001). The internal dynamics of migration network in developing countries. Population: an English Selection, v.13, n.2.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*. Universidade de São Paulo, 2005.

HAESBAERT, Rogério. Migração e desterritorialização. In: PÓVOA NETO, Hélio; FERREIRA, Ademir Paccelli. Cruzando fronteiras disciplinares. Um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005a.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 400p.

HAESBAERT, Rogério. Território, cultura e des-territorialização. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. (orgs.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. *O território em tempos de globalização*. Revista eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas - Etc..., espaço, tempo e crítica. No. 2(4).Vol. 1. 2007

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HARBISON, S. F. (1981). Family Structure and Family Strategy in Migration Decision Making. In: DE JONG, G. F.; GARDNER R. W. Migration Decision Making: Multidisciplinary Approaches to Microlevel Studies in Developed and Developing Countries. New York, Pergamon Press.

KLEIN, Herbert. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Boris (org). Fazer a América. 2ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

LEE. E. S. (1966). Uma teoria sobre migração. In: MOURA, H. A. (org.) Migração interna, textos selecionados. Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980.

LEWIS, W. A. (1954). Economic development with unlimited supplies of labour. Manchester School, v. 22, n. 2, maio/1954.

MARANDOLA, Eduardo Jr.; GALLO, Priscila Marchiori Dal. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, Rio de Janeiro, 2010.

MARGOLIS, Maxine. Little Brazil: na ethnograph of Brazilian immigrants in New York City. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

MARTES, Ana C. B. Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MASSEY, D. S. *et al.* Teorías sobre lá migración internacional: uma reseña y uma evaluación. Trabajo, año 2, No. 3, Enero del 2000.

MASSEY, Douglas et al. – “The Social organization of migration”, in Return to Aztlan – the social process of international migration from Western Mexico, Berkeley, University of California Press, 1990.

PATARRA, Neide L. e BAENINGER, Rosana. Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil. In: PATARRA, Neide (org.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1995.

PIORE, M. Brides of passage: migrant labor and industrial societies. New York: Cambridge University Press, 1979.

PORTES, Alejandro. The economic sociology of immigration: a conceptual overview. In: Portes, Alejandro (org). The economic sociology of immigration – essays on networks, ethnicity and entrepreneurship. NY: Russel Sage Foudation, 1995.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RANIS, G.; FEI, J. C. H. (1861). A Theory of Economic Development. The American Economic Review, v. 51, n. 4, set/1961, p. 533-565.

RAVENSTEIN, E. G. As leis das migrações. In: MOURA, H. A. (Org.) Migração interna, textos selecionados. Fortaleza: BNB/ENTENE, 1980.

SACK, Robert. *Human territoriality: its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SALES, Tereza. Brasil X EUA. Identidade étnica entre migrnates brasileiros na região de Boston. IN: REIS, Rosana Rocha, SALES, Tereza (orgs). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.

SALES, Tereza. Brasileiros longe de casa. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Mauro Augusto dos. BARBIERI, Alisson Flávio. CARVALHO, José Alberto Magno de e MACHADO, Carla Jorge. Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2010.

SANTOS, Mirian de Oliveira. Os estudos históricos sobre a imigração no Brasil. In: PACELLI, Ademir *et al* (Orgs.) A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 99-101.

SAQUET, Marcos Aurélio. Abordagens e concepções de território. 2.edição. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SAQUET, Marcos Aurélio. Os tempos e os territórios da colonização italiana: O desenvolvimento econômico na Colônia Silveira Martins (RS). Porto Alegre: Edições EST, 2003.

SAQUET, Marcos Aurélio. Proposições para estudos territoriais. Geografia. Paraná, ano VIII, n.15, 2006.

SAQUET, Marcos Aurélio. Reterritorialização e identidade. In: MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; FALCADE, Ivanira (org.). Tradição versus tecnologia: as novas territorialidades do espaço agrário brasileiro. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SAQUET, Marcos Aurelio; BRISKIEVICZ, Michele. TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE: UM PATRIMÔNIO NO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL. Caderno Prudentino de Geografia, nº31, vol.1, 2009.

SASAKI, Elisa Massae e ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teoria das migrações internacionais. ABEP (Associação Brasileira de Estudos Populacionais), Outubro de 2000, Caxambu/MG.

SAYAD, Abdelmaleck. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. Travessia, número especial. 2000.

SAYAD, Abdelmalek. A Imigração: o lar sem-família. São Paulo: Universidade de São Paulo – EDUSP, 1998.

SCHNEIDER, Sergio. e TARTARUGA, Iván G. Peyré. Território e abordagem territorial: das referências cognitivas aos aportes aplicados à análise dos processos

sociais rurais. Raízes, Campina Grande, vol. 23, n. 01 e 02, jan./dez. 2005. Disponível em: http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo_4.pdf.

SIEBERT, Cláudia Marinês. Brasil década de 1980/1990: políticas sociais e neoliberalismo. In: 4º Seminário nacional estado e políticas sociais. UNIOESTE, 2009.

SIQUEIRA, Sueli. A crise econômica nos EUA e o retorno à terra natal. In: ____. Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno. Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SIQUEIRA, Sueli. ASSIS, Gláucia de Oliveira. DIAS, Carlos Alberto. As múltiplas faces do retorno a terra natal. Caderno de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania. Brasília, v. 5 n. 5, p.61-79. Novembro de 2010.

SIQUEIRA, Sueli. Emigração: Retorno e Mobilidade Social. In: 32º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 2008.

SIQUEIRA, Sueli. Migrantes e Empreendedorismo na Microrregião de Governador Valadares: sonhos e frustrações no retorno. 2006. 199 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SIQUEIRA, Sueli. Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno. Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SIQUEIRA, Sueli; SANTOS, Mauro Augusto dos. Crise econômica e retorno dos emigrantes da microrregião de Governador Valadares. São Paulo: Travessia - Revista do migrante, v. 70, p. 27-47, 2012.

SJAASTAD, L. A. (1962). The Costs and Returns of Human Migration. The Journal of Political Economy, v. 70, n.5, Part 2: Investment in Human Beings, out/1962.

SOARES, W.; FAZITO, D. *Quando o “direito de escolha” não é um direito: da distinção estrutural entre migrantes internacionais regulares e irregulares em Governador Valadares.* In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 16., 2008, Caxambu. *Anais...* Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, 2008. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1040.pdf>. Acessado em: maio 2011.

SOARES, Weber. Emigração de Valadarenses para outros países e impacto no mercado imobiliário. Rio de Janeiro. UFRJ. 1995. Tese de Mestrado.

SOARES, Weber. Para Além da Concepção Metafórica de Redes Sociais: fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional. In: XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

STRAUCH, Ney. A Bacia do Rio Doce. Estudo Geográfico. Rio de Janeiro, IBGE/CNG, 1955.

TILLY, Charles. Transplanted Networks. In: YIANS-Mc, Laughlin (ed.). *Immigration reconsidered*. NY: Oxford University Press, 1990.

TODARO, M. P. (1969) A migração da mão-de-obra e o desemprego urbano em países subdesenvolvidos. In: MOURA, H. A. (org.), *Migração interna: textos selecionados*, Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980.

VAINER, Carlos B. Estado e Migrações no Brasil: Anotações para uma história das políticas migratórias. *TRAVESSIA – Revista do Migrante*/Janeiro-Abril, São Paulo, 2000.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE I

ROTEIRO DE ENTREVISTA

QUESTIONÁRIO BÁSICO – PARTE ESTRUTURADA

BLOCO A – IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome: _____

Data de nascimento: ____ / ____ / ____ Qual é a sua idade? _____ anos

Local de nascimento: _____

Qual é o seu estado civil? (Você é casado, solteiro...?): _____

BLOCO B – MOMENTO ANTES DA MIGRAÇÃO PARA OS EUA

Em que ano você foi para os EUA (Ano da primeira partida) _____

Na época em que você foi para os EUA, você estava estudando? () Sim () Não

(Caso sim): Que curso você estava fazendo? _____

Qual série/ano/período estava cursando? _____

(Caso não): Qual era a sua escolaridade na época em que migrou? _____

Qual série/ano/período estava cursando? _____

Qual era o seu estado civil na época em que migrou: _____

Na época em que foi para os EUA, você tinha emprego no Brasil: () Sim () Não

(Caso sim): Qual era a sua profissão? (caso comerciante, citar o ramo)

(Caso não): Estava procurando emprego? () Sim () Não

(Caso sim) Estava tendo dificuldade de encontrar emprego?

() Sim () Não

Você sabia falar em inglês? () Sim () Não

(Caso sim): Qual era o seu nível de conhecimento da língua inglesa?

(Ler as opções) () Básico () Intermediário () Avançado

BLOCO C – PERÍODO DE RESIDÊNCIA NOS EUA

Durante o período em que esteve nos EUA, em que trabalhou? _____

Você fez algum curso de capacitação ou aprendeu a fazer algum tipo de trabalho nos EUA?

(Caso sim): Qual (is)? _____

(Se não sabia falar em inglês) Você aprendeu a falar em inglês?

Sim Não

(Caso sim): Atualmente qual é o seu nível de conhecimento da língua inglesa?

Básico Intermediário Avançado

ROTEIRO DE ENTREVISTA – PARTE SEMI-ESTRUTURADA

BLOCO D – A CRISE E O RETORNO

1. Os EUA passaram por uma séria crise econômica que começou em 2006. Como migrante, você pôde perceber alguma alteração?

1.1. A oferta de emprego continuou a mesma?

1.2. A polícia de migração passou a controlar mais a vida dos imigrantes?

1.3. O que mais mudou?

2. A crise econômica americana teve algum tipo de influência na sua decisão de retornar ao Brasil?

3. Ao retornar você tinha recursos financeiros adquiridos nos EUA para investir aqui no Brasil? Ou já vinha investindo seus recursos no Brasil?

4. Você encontrou dificuldades para encontrar emprego em sua cidade?

a) Quais foram estas dificuldades?

b) Tem algum plano em mente para tentar reverter essa situação?

APÊNDICE II

CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

- Entrevistada 01 – Laura

Laura é, dentre os entrevistados, a que se envolve com o fenômeno migratório de forma mais peculiar. Nascida em Teófilo Otoni, muito nova se mudou para Governador Valadares, local onde estabeleceu-se, casou-se e de onde saiu, por diversas vezes, rumo aos EUA. Ao tomar a decisão de emigrar para os EUA a primeira vez, por volta de 1999, aos 39 anos, Laura trabalhava como cabeleireira e possuía o segundo grau completo. Lá chegando, trabalhou como cabeleireira e como faxineira. Em meio as “idas e vindas” entre Governador Valadares e os EUA, formou-se em letras pela Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE, mas, nem por isso, abandonou o projeto migratório. Atualmente, Laura continua trabalhando como cabeleireira no mesmo salão que trabalhara antes de emigrar pela primeira vez.

- Entrevistada 02 – Alice

Alice é natural de Governador Valadares e filha de “mãe solteira”. Aos dezessete anos, quando era apenas uma estudante, emigrou para os EUA acompanhando a mãe. Lá chegando, completou o segundo grau e logo começou a trabalhar. Sua primeira experiência foi com a limpeza de casas, tendo diversificado seu campo de atuação profissional e passado, ao longo dos anos, a trabalhar com manutenção de piscinas, o que lhe propiciou conhecer Bernardo, também entrevistado nesta pesquisa, com quem se casou e teve dois filhos nascidos nos EUA. Nos últimos anos de sua permanência nos EUA, que durou de 1997 a 2009, Alice fez um curso de estética e, ao retornar, montou uma clinica, da qual tira o seu sustento.

- Entrevistado 03 – Lucas

Natural de Itanhomi-MG, Lucas emigrou para os EUA em 2001, quando tinha apenas dezessete anos. No momento em que resolveu empreender seu projeto migratório, Lucas, que contou com o incentivo e auxílio de três irmãos que já residiam naquele país, encontrava-se sem grandes perspectivas e sua única ocupação era auxiliar os pais na lavoura. Durante o período em que viveu nos EUA,

teve a oportunidade de trabalhar no setor da construção civil e com carpintaria, mas não teve interesse em fazer nenhum curso de capacitação. Desde que retornou, em 2011, Lucas não conseguiu colocação no mercado de trabalho e decidiu estudar para prestar concursos.

- Entrevistado 04 – Luciano

No ano de 2003, Luciano, que trabalhava como vendedor em uma oficina de bicicletas, decidiu emigrar para os EUA, optando por entrar ilegalmente no país através da fronteira com o México. Nos cinco anos e meio de permanência nos EUA teve a oportunidade de trabalhar nos setores da construção civil, da jardinagem e da limpeza. Também trabalhou em um restaurante. Chegou a fazer um curso de inglês, que lhe rendeu um nível básico de conhecimento da língua. Após o retorno, Luciano, endividado, voltou a trabalhar na mesma oficina que trabalhava quando decidiu emigrar para os EUA.

- Entrevistado 05 – Thiago

Thiago que, conforme relata, “nunca gostou de estudar” e sem “nenhuma perspectiva de vida”, decidiu emigrar, aos 17 anos, para os EUA. Para concretizar seu desejo, contou com o apoio de uma tia que já residia naquele país e que era casada com um americano. Durante os mais de 13 anos de permanência nos EUA, Thiago trabalhou como entregador de carnes, verduras e frutas em uma empresa que sua tia possuía; como vendedor de jaboticaba; com manutenção de piscina e em um restaurante. Fez diversos cursos de capacitação – além de um curso de inglês –, incluindo um curso voltado para o trabalho com piscinas, um de inspetor de qualidade de frutas e verduras e um de culinária. Casou-se com uma brasileira, tendo se divorciado alguns anos após o nascimento do seu filho. Após retornar, e permanecer por um período de sete meses em casa com depressão, Thiago resolveu procurar emprego. Atualmente trabalha no setor de serviços gerais de uma empresa do município.

- Entrevistada 06 – Sandra

Sandra revela que empreendeu o seu projeto migratório por amor. Quando conheceu e começou a namorar seu marido, ele já morava nos EUA. Com o passar do tempo, Sandra, que já era formada em Pedagogia e que trabalhava como auxiliar de escritório em uma multinacional há mais de nove (09) anos, foi pedida em casamento e acabou emigrando para ficar ao lado do marido. Nos mais de 13 anos em que esteve nos EUA, fez curso de inglês; engravidou do seu primeiro filho; trabalhou como vendedora em um antiquário; montou uma empresa de faxina e, por fim, trabalhou ainda como babá. Retornou para Governador Valadares com o filho, tendo o marido permanecido por mais algum tempo nos EUA. Atualmente, tenta, com certa dificuldade, administrar a loja que montou assim que retornou ao município.

- Entrevistado 07 – Leandro

Aos dezessete anos, Leandro foi levado a empreender a emigração rumo aos EUA incentivado por seu pai que lá já residia. Na ocasião (no ano de 2002), Leandro apenas estudava e ainda não havia completado o segundo grau, o que só veio a acontecer no seu retorno em 2011. Durante o período em que esteve nos EUA, fez um curso de inglês e trabalhou com carpinteiro para quatro construtoras dirigidas por brasileiros. Foi deportado e, apesar de ter tido certa dificuldade no início, conseguiu colocação no mercado de trabalho. Atualmente trabalha como técnico de telecomunicações para uma empresa local.

- Entrevistado 08 – Bernardo

Em 1998, Bernardo, que estudava medicina na Bolívia, foi levado a empreender o movimento emigratório em razão da morte do seu pai e do volume das dívidas que deixou e que precisavam ser pagas. Os EUA foram o local escolhido pois tinha familiares que lá já residiam. Em sua estadia nos EUA, Bernardo: teve a oportunidade de fazer cursos de capacitação, em razão dos quais adquiriu fluência do inglês, bem como conseguiu uma licença para atuar na construção civil e outra para atuar no setor de vendas de imóveis e de automóveis. Trabalhou com manutenção de piscina, na construção civil e com vendas. Bernardo casou-se com Alice com quem teve dois filhos. Assim que retornou para Governador Valadares

acompanhado de sua família, Bernardo prestou vestibular e concluiu o curso de Engenharia Civil. Recém formado, estuda formas de conseguir colocação em sua área.

- Entrevistado 09 – Felipe

Em 2003, após ter passado por um processo de separação judicial, Felipe, pai de quatro filhos, decidiu emigrar para os EUA. Natural de Guiricema-MG, Felipe era cozinheiro e dono de um restaurante no município de Governador Valadares, mas, em razão de sua separação, se viu obrigado a vender o único bem que o casal possuía. Com a parte do dinheiro que lhe coube da venda do restaurante, decidiu que o melhor a fazer seria passar seis meses nos EUA se especializando na culinária Italiana. Chegando a seu destino, conforme relatado, Felipe se apaixonou por aquele país e por lá permaneceu durante nove (09) anos. Neste período, ele se preocupou apenas em trabalhar muito e se especializar nas mais diversas culinárias (italiana, francesa, judaica, árabe, portuguesa e espanhola), tendo se transformado em um reconhecido chefe de cozinha. Felipe assegura que a crise econômica-financeira vivenciada pelos EUA só contribuiu para o seu sucesso. Após retornar, em 2012, já inaugurou dois restaurantes no município de Governador Valadares, tendo obtido sucesso em seus empreendimentos.

- Entrevistada 10 – Luana

Aos 23 anos, Luana, natural de Conselheiro Pena, cursava Administração de Empresas e trabalhava em um banco no município de Governador Valadares. Ao ser demitida do seu emprego, Luana, apesar de poder contar com o apoio financeiro de sua mãe, decidiu largar a faculdade e emigrar para EUA. Chegando no seu destino, Luana foi recebida por uma tia que lhe deu o suporte inicial. Em poucos dias ela estava empregada em uma casa de câmbio. Ocorre que, três meses após sua chegada, Luana acabou por ser demitida deste emprego em razão de ter engravidado de um namorado que conheceu lá e com quem conviveu durante todo o tempo de permanência nos EUA. Ainda assim, relata não ter se abalado, logo conseguindo um novo emprego em uma padaria e outro no ramo da faxina. Além disso, preocupou-se em estudar a fundo o inglês, fazendo para tanto diversos cursos. Ao perceber que seu relacionamento com o companheiro não dava mais

certo em razão das grandes dificuldades financeiras que enfrentavam, Luana decidiu retornar. Desde que chegou, voltou a estudar e distribuiu vários currículos que enfatizavam principalmente o seu domínio do inglês. Segundo relata, logo conseguiu um emprego, mas, por outro lado, assegura que sua readaptação à realidade do mercado de trabalho não foi algo fácil. Luana conquistou e desistiu de vários empregos, mas assegura que agora, depois da última promoção, propiciada em razão do domínio do inglês, se sente satisfeita.

- Entrevistado 11 – João

Empreender o movimento migratório não foi uma decisão tomada por João. Em meados do ano de 1990, aos quatro (04) anos de idade, acompanhado por sua mãe e uma das irmãs, João deixou Governador Valadares rumo aos EUA, local onde se encontrava seu pai e mais duas irmãs mais velhas. Durante os quase vinte anos de permanência nos EUA, teve a oportunidade de trabalhar em diversos setores – limpeza, restaurante, pizzaria, construção civil e como operador de empilhadeira – e estudar até concluir o ensino médio. No ano de 2009 foi deportado e, desde que chegou a seu local de origem, mesmo se esforçando para mudar o cenário, vem enfrentando serias dificuldades de adaptação e para se inserir no mercado de trabalho.